



A ^{25/8} agosto 1972
Liahona

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Presidente S. Dilworth Young

Do Primeiro Conselho dos Setentas



Um pai terreno demonstra seu amor pelos filhos, proporcionando-lhes todos os benefícios terrenos ao seu alcance. Quanto maior não é o amor de Cristo, que se torna nosso Pai ao aceitarmos sua oferta, não só de desenvolvimento temporal como também de salvação, exaltação e vida eterna! Em seu Evangelho, Cristo ofereceu-nos a oportunidade de tornarmos-nos criadores das maravilhas dos céus, e não apenas contempladores delas. E por esta oportunidade, elevamos aos céus jubilosos cânticos de louvor. O plano é muito simples e de extrema grandiosidade:

1. Aceitar o Senhor Jesus Cristo como nosso Salvador e crer em seu santo nome, arrependendo-nos de nossos pecados.
2. Aceitar a ordenança do batismo pelas mãos do Sacerdócio de Deus, em sinal de convênio com ele, cuja morte e ressurreição simboliza.
3. Receber o dom do Espírito Santo de quem esteja por ele autorizado a conferi-lo.
4. Receber e honrar o santo Sacerdócio.
5. Guardar os seus simples mandamentos.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Presidente S. Dilworth Young	2
Importância e Eficácia da Oração Presidente N. Eldon Tanner	3
"A luz Resplandece". Marion C. Romney	6
Honestidade, um Princípio de Salvação. Mark E. Petersen	9
Um Alicerce para o Milênio. LeGrand Richards	12
Confessar e não Reincidir... James A. Cullimore	16
"Assim Diz o Senhor". Theodore M. Burton	19
O Gatinho Perdido. Charlotte Stevenson	23
Coragem para Crer. Anne Sikstad	24
Gideon. Mabel Jones Gabbott	26
Um Novo Lar. Mary Pratt Parrish	28
Normas e Procedimentos.	31
Decisões Menores. Presidente A. Theodore Tuttle	32
O Incomparável Joseph Smith. Leon R. Hartshorn	34
Perguntas e Respostas.	40
O Dia que Transformou Minha Vida. Wendell B. Johnson	44

CAPA

Pela primeira vez, a capa deste número apresenta uma ilustração de Jerry Harston, criada especialmente para as crianças da Igreja, em cuja revista **Friend**, publicada em inglês, foi usada originalmente. O tema da ilustração é exposto pelo Presidente N. Eldon Tanner, em seu artigo: "Importância e Eficácia da Oração, da p. 3.

A 25/8 agosto 1972
Liahona

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Joseph Fielding Smith
Harold B. Lee
N. Eldon Tanner

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
Marion G. Romney
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948



Importância e Eficácia da Oração

Presidente N. Eldon Tanner

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Ao iniciar este artigo, com toda a humildade, rogo ao Pai nos céus que me guie nesta empreitada.

Quando garoto de escola, senti-me profundamente impressionado por estas clássicas palavras:

“A oração consegue mais coisas
Do que este mundo possa imaginar.”

— Alfred, Lord Tennyson
“A Morte de Artur”

Provavelmente, essa impressão deveu-se ao fato de eu viver num lar em que se orava individualmente e em família todos os dias, pela manhã e à noite, e porque minhas preces haviam sido atendidas em diversas ocasiões. Que maravilhoso senso de segurança desfrutava, por saber que podia recorrer ao Senhor, que ele era de fato meu Pai e se interessava por mim, e que podia ouvir minhas orações, e responder a elas. Este conhecimento tem sido

uma grande fonte de consolo para mim. Deu-me confiança e força quando mais precisava, e a capacidade de escolher e tomar decisões com uma segurança impossível sem ele. Por haver tido tais experiências e sentir a necessidade de orientação divina, atendo-me ao desejo e hábito de buscar sabedoria e direção em tudo o que faço.

Durante a infância, achava naturalmente que o mundo inteiro tinha a mesma fé e orava ao Pai Celestial como era costume em nossa casa. Mais tarde, contudo, aprendi que muita gente jamais ora em busca de orientação, ou expressa agradecimento pelas bênçãos recebidas, ou pelos alimentos na hora das refeições. Ainda mais chocado fiquei ao descobrir que existem pessoas que nem mesmo acreditam em Deus e, portanto, não têm fé nele e não compreendem que é um Deus pessoal, nosso Pai literal e que somos seus filhos, e que ele realmente pode ouvir e atender nossas preces.

Jamais conseguiria exprimir minha gratidão por meus pais terem-me ensinado esse princípio tão importante. Meu pai sabia realmente como falar ao Senhor, fazendo-o parecer tão real e próximo. Pela manhã, ele orava: “Permite que tuas bênçãos nos acompanhem no desempenho de nossos deveres, a fim de que possamos fazer o que é certo, e à noite estarmos de volta e prestarmos conta a ti.”

Lembro-me muitas vezes dessas palavras, e como têm-me ajudado! Se todos procurassem tê-las em mente durante o dia, em tudo o que fazem, sabendo que à noite iriam prestar contas do que fizeram durante o dia ao Senhor, isto serviria de forte freio aos atos maus, e grande auxílio para as obras de retidão.

O Senhor tem admoestado os pais que ensinam os filhos a orar e andar em retidão diante dele (Ver D&C 68.28). É o dever mais importante que temos para com nossos filhos — ensinar-lhes que são filhos espirituais do Pai Celestial, que ele é um ser real, que tem grande amor aos filhos e quer que estes tenham

êxito, que devem orar a ele dando graças e rogando orientação, compreendendo que esta fé irá proporcionar-lhes força, sucesso e felicidade muito maiores do que as provenientes de qualquer outra fonte.

Nós, os pais, devemos ensinar pelo exemplo, deixando que a eficácia da oração em nossa própria vida mostre aos filhos o valor da fé em Deus. Que lamentável privar uma criança da grande bênção de aprender a conhecer Deus e aprender a nele encontrar consolo, força e direção, dos quais tanto precisa para enfrentar os problemas de nossos dias. E é igualmente lamentável não aprender a criança que tudo o que ela possui provém de Deus, e que deve expressar sua gratidão e procurar ser merecedora das bênçãos recebidas.

Certamente, todos se lembram da história dos dez leprosos curados por Jesus. Quando um deles voltou para agradecer-lhe, o Salvador comentou: "Não foram os dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?" (Lucas 17:17-18). A ingratidão é um pecado deplorável.

Ao darmos graças pelas bênçãos e implorarmos pelo que precisamos, deveríamos ter consciência dos outros que necessitam da nossa fé e orações, e que temos de ajudar o Senhor a atender nossas preces. Quando lhe rogamos que abençoe os pobres, os enfermos e os necessitados, que conforte os aflitos, as palavras devem ser seguidas de ação, engajando-nos ativamente a servir nossos semelhantes e satisfazer suas necessidades. É por nosso intermédio que o Senhor realiza seus propósitos, e quando recebemos bênçãos, deveríamos por nossa vez abençoar os outros.

Tivemos uma experiência tocante em nossa família. Certa noite, ao terminarmos a oração familiar, uma de minhas filhas comentou: "Paizinho, temos sido tão abençoados e há tanto para agradecer, que fico pensando se devemos pedir mais ao Senhor, em vez de agradecer-lhe pelo que temos, e rogar-lhe que nos torne dignos das bênçãos que usufruímos." Desejo salientar a importância de nos tornarmos dignos de aceitar tudo aquilo que o nosso Pai nos céus derrama constantemente sobre nós.

É muito fácil orar e dar graças, quando tudo anda bem e sentimo-nos abençoados e prósperos. A verdadeira prova da nossa gratidão e amor ao Senhor é nossa capacidade de imitar Jó, quando seus sofrimentos e tribulações pareciam quase ultrapassar sua resistência. Ainda assim, ele continuou a dar graças e louvar ao Senhor, dizendo, todo humilde e sincero: "Eu sei que o meu Redentor vive." (Ver Jó 19:25)

Nosso Pai Celeste conhece nossas necessidades melhor do que nós. Ele sabe o que é para o nosso bem e as coisas que precisamos superar, a fim de permitir nosso desenvolvimento e progresso. É preciso que aprendamos a aceitar sua vontade em todas as coisas, com a fé e certeza de que, no fim, tudo o que ele faz por nós redundará em nosso benefício.

Fiquei profundamente impressionado pela atitude de minha filha e meu genro, quando um de seus filhos contraiu leucemia. Os médicos diziam que ele não viveria mais que um ou dois anos. Lembro-me de como ficaram chocados e quanto rogaram ao Senhor, freqüentaram o templo, jejuaram e oravam em prol daquela criança; mas o que mais me tocou foi o fato de sempre concluírem suas preces, dizendo: "Não se faça a nossa vontade, mas sim a tua; e dá-nos a força necessária para aceitá-la".

Ele viveu muito além do prazo previsto pelos médicos, mas, finalmente, foi chamado para junto do Senhor, e causou-me intensa emoção ouvir aqueles pais agradecer ao Senhor o privilégio de poderem criá-lo pelo tempo que lhes fora concedido, por ele ter sido um filho adorável, e depois pedir-lhe que os fizesse dignos de encontrar e viver novamente com ele no mundo vindouro.

Quando a gente sente que as coisas não vão como diveriam ou como gostaríamos de que fossem, e sobrevém o desânimo como acontece eventualmente a todos, então é a hora em que podemos obter grande conforto, coragem e força, e realmente a felicidade, buscando o Senhor em particular, com toda humildade, ajoelhando e dando graças, enumerando as bênçãos uma por uma, e rogando que nos mostremos dignos delas. Ficaremos surpresos ao descobrir o quanto o Senhor tem

tempo se leva para enumerar as muitas bênçãos recebidas.

Não esperem essas horas de desânimo ou até que estejam em dificuldades para orar. Devemos orar sempre e por todas as coisas justas. Todos os profetas desde Adão, e mesmo Jesus Cristo, sentiam necessidade de recorrer ao Pai nos céus em súplica e prece. Figuras de renome de todas as posições sociais, em todos os países do mundo, têm recorrido ao Senhor em busca de orientação, e sua grandeza viu-se aumentada pelo reconhecimento do Ser Supremo e do Poder Divino.

Quase todos os presidentes dos Estados Unidos, por exemplo, acharam necessidade de voltar-se ao Senhor, e a maioria conclamou o povo a orar em diversas ocasiões, por sentirem o mesmo que disse o Presidente Abraham Lincoln: "Muitas vezes fui impelido a cair de joelhos, pela esmagadora convicção de que não havia mais nenhuma outra saída: minha própria sabedoria e a de todos os que me rodeavam eram insuficientes para a ocasião."

Samuel F. B. Morse, inventor do telégrafo, declarou: "Toda vez que não conseguia enxergar o caminho a seguir, eu ajoelhava e orava, pedindo luz e entendimento."

Temos aquela doce e singela prece gravada pelo astronauta Gordon Cooper, enquanto em órbita, à volta da terra: "Pai, graças te dou, especialmente por permitires-me este vôo. Agradeço-te pelo privilégio de poder estar aqui, nestas alturas maravilhosas, vendo todas estas coisas assombrosas, prodigiosas que criaste."

Incontáveis são as palavras de pessoas humildes e grandes elevando-se em prece ao Pai Celeste, compondo algumas de nossas mais belas peças literárias. Na vida de todo homem, chega o momento em que sente necessidade de ajuda vinda de fora. A pessoa que aprende cedo como e por que orar, e o que pedir, leva uma vantagem enorme sobre os que não aprenderam ou não crêem que a oração possa ser uma poderosa influência.

Recentemente, recebi cópia de uma carta na qual o missivista dizia, referindo-se um tanto crítica e sarcasticamente a uma pessoa ocupante de cargo de grande responsabilidade na Igreja: "Bem, **eis** alguém que **realmente** precisa de ajuda."

Lendo essas palavras, refleti o quanto realmente todos nós precisamos de ajuda e orientação, e se é que **existe** qualquer diferença de extensão da ajuda, esta parece aumentar proporcionalmente com a responsabilidade, com a importância do cargo que ocupamos, o qual nos torna responsáveis não apenas por nós mesmos, como também por outros. Cheguei à conclusão de que, quanto mais humilde somos, tanto maior é nossa possibilidade de êxito e de gozar o amor e confiança daqueles com quem temos o privilégio de conviver e trabalhar.

É de suma importância que os pais reúnam seus filhos diariamente, pela manhã e à noite, dando a cada membro da família, um a um, o privilégio de dirigir-se ao Senhor em benefício dos seus, exprimindo gratidão pelas bênçãos recebidas, preocupação com os problemas individuais e familiares do momento, e pedindo pela manhã orientação para o dia, sabendo que, à noite, irão prestar contas.

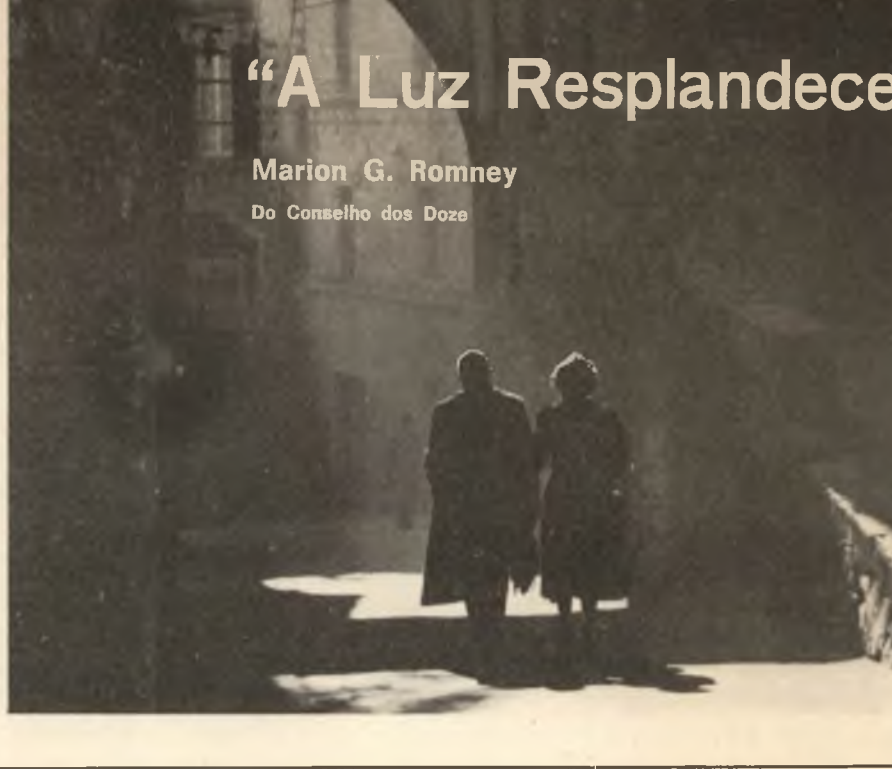
As crianças deveriam aprender, quando ainda bem pequenas, que podem recorrer ao Pai Celestial exatamente como aos seus pais terrenos, com a firme convicção de que ele ouve suas orações. E responde a elas. Sempre me senti impressionado pelo que o Élder Hugh B. Brown contou sobre as palavras de incentivo de sua mãe, quando ele partiu em missão aos vinte anos de idade. Esta foi, em resumo, a sua mensagem: "Hugh, meu filho, quando você era pequenino e acontecia ter um pesadelo ou acordar sobressaltado, costumava chamar do seu quarto: "Mamãe, mamãe, você está aí?", e eu respondia e procurava confortá-lo, desfazendo seus temores. Lá fora, no mundo, haverá momentos de temor, em que se sentirá fraco e terá problemas. Quero que você se lembre sempre de que pode chamar o Pai Celestial exatamente como a mim, e dizer: 'Pai, estás aí? Preciso da tua ajuda', sabendo que ele está perto e disposto a ajudá-lo, se você fizer a sua parte e for digno de suas bênçãos."

Possamos todos nós descobrir, se é que já não o fizemos, que a oração é um elo vital, vibrante, com o Pai nos céus, a qual provê sentido e propósito à nossa vida, e que somente aqueles cujo Deus é o Senhor, poderão alcançar a felicidade e progresso eternos.

"A Luz Resplandece

Marion G. Romney

Do Conselho dos Doze



Meus caros irmãos, membros e não-membros da Igreja: Para sermos edificados por minhas palavras, vós e eu precisamos ser guiados pelo Espírito do Senhor, e proponho-me a citar-vos o que ele falou aos seus discípulos a respeito dos nossos dias, das condições penosas em que nos encontramos, e do futuro imediato que seguirá:

"E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." (João 1:5) Assim escreveu o discípulo preferido do Senhor.

Esta Escritura me veio à lembrança ao ler recentemente um pronunciamento atribuído ao Dr. Charles H. Malik, ex-presidente da Assembléia Geral das Nações Unidas, sobre a necessidade de surgir hoje "o desafio de uma mensagem verdadeiramente universal, uma visão de algo grandioso e estupendo, um chamado para uma heróica missão... A situação imediata (dizia ele) apresenta o aspecto de um julgamento final e total: tudo está sendo pesado — a vida, os valores, a cultura, a vitalidade da civilização inteira à qual se pertence.

"Portanto, é bem semelhante ao último dia. E aqueles que crêem, dir-lhe-ão que Deus está aí e que certamente vela sobre os que são seus, ainda que continue punindo-os severamente." (Citado em **Public Speaker's Treasure Chest** /Harper & Rowm 1964/, p. 42).

Ponderando esta análise da triste condição de nossa sociedade, chega-se à conclusão de que o transe em que nos encontramos hoje não sobreveio por carência de um guia adequado, mas antes por falta de ouvidos atentos.

Falando-vos esta manhã, meu objetivo é dar ênfase ao fato de que, neste nosso mundo conturbado, existe uma luz-guia segura e certa, como vem acontecendo há cento e quarenta anos; uma luz destinada a proporcionar alegria, paz e felicidade a toda tribo, nação, língua e povo que queira segui-la.

Testifico-vos que nosso amado Salvador, Jesus Cristo, previu e predisse as circunstâncias em que nos encontramos hoje, enquanto vivia aqui na terra. Naquele tempo, ele também revelou as consequências iminentes do rumo atual, e prescreveu os meios que nos facultariam evitá-las.

O que falou então era e ainda é, no entender dele, de tamanha importância, que foi preservado em três Escrituras diferentes: na Bíblia (Ver Mateus 24), em Pérola de Grande Valor (Joseph Smith 1) e em Doutrina e Convênios.

As circunstâncias nas quais falou são muito impressionantes. Em sua última ida de Jerusalém a Betânia, demorou-se com os apóstolos no Monte das Oliveiras. Estes, preocupados com a profecia de que dos edifícios do templo não restaria pedra sobre pedra, pediram-lhe uma explicação, dizendo: "Dize-nos quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?" (Mateus 24:3)

Não repetirei o que ele disse acerca da então iminente destruição de Jerusalém. Entretanto, por causa da sua importância para o nosso bem-estar presente e futuro, convido-vos a considerar seriamente comigo o que ele falou a respeito dos sinais de sua segunda vinda e "do fim do mundo". Sobre estes eventos, começou dizendo: "... quando o tempo dos gentios chegar, entre aqueles que se assentam nas trevas, resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do meu Evangelho." (D&C 45:28)

Que tal predição se referia a nossos dias, é provado pelo fato de que a "luz" mencionada resplandeceu na primavera de 1820, quando o Pai e o Filho apareceram ao profeta-menino



Joseph Smith. Nos anos que se seguiram, a "plenitude do... Evangelho" (de Cristo) foi restaurada na terra, por intermédio do Profeta Joseph Smith.

Esses importantes acontecimentos deviam anunciar, e realmente assim foi, "o tempo dos gentios" — isto é, a época desta última dispensação, na qual o Evangelho deve ser pregado primeiro aos judeus e depois aos gentios.

Mas, voltemos ao que disse o Salvador: "... quando o tempo dos gentios chegar, entre aqueles que se assentam nas trevas, resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do meu Evangelho;

"Mas eles não a recebem; pois não compreendem a luz, e por causa dos preceitos dos homens, desviam de mim os seus corações." (D&C 45:28-29)

O cumprimento dessa profecia faz-se dolorosamente claro atualmente. A grande maioria dos que ouvem o Evangelho o rejeita. E é devido a esta rejeição, e não por falta de uma luz orientadora, que esta geração tem sido, e, se não mudar de rumo, continuará sendo incapaz de evitar as calamidades previstas e preditas

por Jesus. Pois, como disse, naquela geração, isto é, na qual o Evangelho e pregado — eles "não compreendem a luz" (o Evangelho de Jesus Cristo) e "desviam de mim os seus corações.

"... naquela geração haverá homens que não passarão até que vejam uma praga superabundante; pois uma doença desoladora cobrirá a terra.

"Mas os meus discípulos permanecerão em lugares santos (pensei nisto quando o Presidente Lee estava falando há alguns momentos), e não serão abalados; mas entre os iníquos, homens levantarão as suas vozes e amaldiçoarão a Deus e morrerão.

"E haverá terremotos também em diversos lugares, e muitas desolações; e ainda assim os homens endurecerão os seus corações contra mim, e levantarão a espada uns contra os outros, e se matarão uns aos outros.

"E agora (disse o Senhor, ao repetir esta profecia ao Profeta Joseph Smith), quando eu, o Senhor, falei estas palavras aos meus discípulos, eles se perturbaram.

"E eu lhes disse: Não vos perturbeis, pois, quando todas estas coisas acontecerem, sabereis que as promessas que vos foram feitas se cumprirão." (D&C 45:31-35)

A seguir, referindo-se novamente ao surgimento da luz, Jesus conti-

nuou suas palavras proféticas aos discípulos, dizendo:

"E quando começar a raiar a luz, será para eles como uma parábola que vos mostrarei:

"Vós olhais e vedes as figueiras e com os vossos olhos as vedes, e quando começam a brotar, e suas folhas estão ainda tenras, dizeis que o verão está perto;

Assim também será naquele dia, quando eles virem todas estas coisas, então saberão que a hora está próxima.

"E acontecerá que aquele que me teme estará esperando pela chegada do grande dia do Senhor, sim, pelos sinais da vinda do Filho do Homem.

"E eles verão sinais e maravilhas, pois os mesmos se mostrarão em cima nos céus, e embaixo na terra.

"E verão sangue, fogo e vapores de fumaça." (D&C 45:36-41)

Alguns desses sinais já testemunhamos, e outros veremos mais tarde. Pois, prossegue Jesus: "... antes que venha o dia do Senhor, o sol se escurecerá, a lua se tornará em sangue, e as estrelas cairão do céu.

"E o remanescente será reunido neste lugar. (Ele estava no Monte das Oliveiras)

"E então eles me procurarão, e eis que eu virei; e eles me verão nas nuvens dos céus, vestido com poder e grande glória; e com todos os santos anjos; e aquele que não me procura será exterminado." (D&C

45:42-44)

Os justos, entretanto, não serão exterminados. Atentai para as promessas feitas pelo Senhor àqueles que aceitam e vivem o Evangelho:

"Mas, antes que caia o braço do Senhor, um anjo soará a sua trombeta, e os santos que estiverem dormindo surgirão para me encontrar nas nuvens.

"Portanto, se dormistes em paz (falando aos apóstolos) bem-aventurados sois; pois como agora me vedes e sabeis que Eu sou, assim também vireis a mim e vossas almas viverão, e a vossa redenção será aperfeiçoada; e os santos virão dos quatro cantos da terra." (D&C 45:45-46)

Estas palavras nos asseguram que, se formos justos e fiéis, estaremos com ele e nos regozijaremos por sua vinda, não importa que já tenhamos morrido ou não.

E então, depois que os que forem ressuscitados tiverem-se reunido a ele, e os justos que estiverem vivos na hora de sua vinda, tiverem chegado dos quatro cantos da terra, "o braço do Senhor cairá sobre as nações."

"E então o Senhor assentará o seu pé sobre este monte, e o mesmo se rachará em dois, e a terra tremerá, e vacilará de um lado para outro, e os céus também estremecerão.

"E o Senhor fará soar a sua voz, e todos os confins da terra ouvi-la-ão; e as nações da terra prantearão, e os que houverem rido verão a sua imprudência.

"E calamidade virá sobre o escarnecedor, e o desdenhador será consumido; e aqueles que tiverem procurado a iniquidade serão cortados e lançados ao fogo." (D&C 45:47-50)

"E Satanás será amarrado, para que não tenha lugar nos corações

dos filhos dos homens.

"E naquele dia, quando eu vier na minha glória, a parábola de que falei, concernente às dez virgens, se cumprirá.

"Pois aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade, e tomado o Santo Espírito por seu guia, e não tiverem sido enganados — na verdade vos digo que não serão cortados e lançados no fogo, mas suportarão o dia." (D&C 45:55-57)

"Aqueles que são sábios e tiverem aceitado a verdade" são os que aceitam o Evangelho, quando lhes é apresentado. Os que tiverem "tomado o Santo Espírito por seu guia e não tiverem sido enganados" são aqueles que não só receberam o seu dom, mas viveram em seguida de modo a merecer a orientação do Espírito Santo a tal ponto, de não se deixarem enganar. Estes são os que, ressuscitados ou ainda como seres mortais, "suportarão o (grande) dia" da segunda vinda de Cristo.

"E a terra ser-lhes-á dada por herança; e eles se multiplicarão e se tornarão fortes, e seus filhos crescerão sem pecado para a salvação.

"Pois o Senhor estará em seu meio, e a sua glória estará sobre eles, e Ele será o seu rei e o seu legislador." (D&C 45:58-59)

Este grande pronunciamento profético de Jesus revela a causa da nossa atual situação aflitiva, que tanto preocupou o Dr. Malik no tocante ao futuro de nossa civilização. Confirma o fato de que o Evangelho restaurado de Jesus Cristo é a luz resplandecendo nas trevas deste mundo conturbado. O Evangelho, restaurado através do Profeta Joseph Smith, é aquele "algo grandioso e estupendo", tão almejado pelo bom

Dr. Malik; é o "chamamento para uma missão heróica", "o desafio de uma mensagem verdadeiramente universal". É o que o bom doutor diz ser necessário hoje em dia, confirmando sua conclusão de que a "situação imediata (do mundo) apresenta o aspecto de um julgamento final e total: (que) tudo está sendo pesado — a vida, os valores, a cultura, a vitalidade da civilização inteira à qual se pertence". Ele confirma o fato de nossa época ser não só "bem semelhante ao último dia", como nos certifica de que estes são deveras os últimos dias e que Deus está realmente "aí", velando sobre "os que são seus".

Quanto à veracidade da Escritura considerada, presto-vos meu testemunho pessoal: Sei que quem falou essas palavras, foi e é o Filho de Deus, o Criador e Redentor da terra e de seus habitantes; que ele conhece todas as coisas e as conhecia desde o princípio; que ele falou verdade eterna.

Testifico-vos que a plenitude do Evangelho eterno está sobre a terra. A luz prometida já raiou, e muitos dos outros sinais preditos da vinda de Cristo já foram dados. Outros são visíveis agora. O resto logo virá, está iminente.

Testifico que Deus não está morto. É ele quem empunha o leme. Seu poder — o Sacerdócio — está aqui na terra; seus programas estão em andamento; seus "eternos desígnios... hão de seguir adiante, até que todas as suas promessas sejam cumpridas". (Mórmon 8:22)

Isto eu testifico solenemente, como testemunha especial de Cristo, em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.



Honestidade, um Princípio de Salvação

Mark E. Petersen

Do Conselho dos Doze

Uma das Regras de Fé d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias inclui a expressão "Cremos em ser honestos". (13.ª Regra de Fé)

Entretanto, não cremos na honestidade como mera questão política; ela é muito mais importante. A honestidade é um princípio de salvação no reino de Deus. Sem ela, não há salvação. Exatamente como ninguém pode ser salvo sem batismo, assim também ninguém conseguirá salvar-se sem honestidade. E como é impossível entrar no reino dos céus sem uma ressurreição, também não é possível ingressar nas esferas celestiais sem o requisito da honestidade.

Do mesmo modo como Deus condena a imoralidade, ele denuncia a hipocrisia, uma das piores formas de desonestidade. Ao descrever o inferno do mundo vindouro, ele especifica que para lá irão os desonestos. Como nenhuma coisa maculada pode chegar à presença do Senhor, assim também nenhum mentiroso, nem impostor, nem hipócrita poderá habitar seu reino.

A desonestidade está diretamente ligada ao egoísmo, sua origem e fonte. O egoísmo é a raiz de quase todos os males que nos afligem, e a desumanidade do homem para com seus semelhantes continua causando dor a milhares e milhares de pessoas.

Fosse honesta a humanidade inteira, teríamos o céu na terra. Não mais haveria necessidade de exércitos nem armadas, nem mesmo de um policial na menor das comunidades, pois não teríamos mais nenhum crime, nem violação dos direitos alheios, nem agressão de um homem ao outro.

Deixaria de haver motivos de divórcio, nem existiriam maridos desleais ou esposas infiéis. Desapareceria os conflitos entre pais e filhos, e também a delinquência juvenil.

No entanto, haverá em nossa sociedade coisa mais comum do que a tendência de mentir e enganar?

É a mentira do traficante de drogas que tenta a criança a experimentar, e a do sedutor que induz a moça a perder sua virtude.

É a mentira do comerciante inescrupuloso que faz a vítima cair em negócios fraudulentos.

É a mentira do sonegador de impostos que o leva às barras do tribunal, e a do estudante que o envolve em trapanças na escola.

É a mentira do filho — e muitas vezes também a dos pais — que cria o conflito de gerações.

É a mentira do mau profissional, que disfarça o conserto defeituoso.

É viver de mentira em mentira que transforma o homem em hipócrita.

É a mentira do marido ou da mulher que conduz à infidelidade, e a do peculatório que o faz falsificar os livros.

É o desejo de mentir e enganar que transforma a mulher em "descuidista" e o filho que a observa em criminoso potencial.

É a mentira nos lábios de vizinhas mexeriqueiras que assassina moralmente muitas vítimas inocentes.

É o desonesto que procura aproveitar-se de um seu semelhante, ou então humilhar ou ferí-lo deliberadamente.

É a desonestidade que leva o chefe de família a lesar o pequeno jornalista, fazendo-o perder o que ganhou pela entrega dos jornais.

É a mentira do clérigo descrevendo as relações pré-maritais como uma espécie de casamento experimental, que persuade a moça a sacrificar sua virtude. Talvez ela seja ingênua ou mesmo obtusa em aceitar sua palavra, mas que preço ele não irá pagar no tribunal de Deus, por ensinar que não há mal algumas relações pré-maritais, quando sabe muito bem que, dos altos do Sinai, o Onipotente trovejou: "Não adulterarás." (Êxodo 20:14)

É a mentira do hipócrita que, enquanto em casa é um bruto que maltrata mulher e filhos, no domingo o persuade a mostrar-se um devoto que canta no coro e participa dos emblemas sagrados do sacramento do Senhor.

É a mentira da garota apaixonada que engana os pais ao envolver-se pecaminosamente com um rapaz que irá arrastá-la para a lama.

Existirá homem vivente de alma tão morta, que nunca terá dito a si próprio: Não se pode viver mentindo?

Nós, santos dos últimos dias, cremos em Deus, e por acreditarmos nele, acreditamos também na existência do maligno. Mas o próprio maligno é um mentiroso — o pai de todas as mentiras — e aqueles que decidem trapacear, mentir, enganar e deturpar, tornam-se seus escravos.

Não seria pois de espantar que as Escrituras digam:

"Estas seis coisas aborrecem o Senhor, e a sétima a sua alma abomina:

"Olhos altivos, língua mentirosa, e mãos que derramam sangue inocente;

"Coração que requina pensamentos viciosos; pés que se apressam a correr para o mal;

"Testemunha falsa que profere mentiras; e o que semeia contendas entre irmãos." (Prov. 6:16-19)

Nos versículos seguintes, a Escritura liga esse impulso a outro pecado abominável que sempre anda de mãos dadas com a mentira e trapaça — o da luxúria, do qual diz Deus que ele destruirá a alma. Nas revelações modernas, o Senhor descreve o inferno do mundo vindouro, enumerando os que sofrerão nele, e diz:

"Estes são os mentirosos, feiticeiros, adúlteros e libertinos, e todo aquele que ama e inventa mentiras.

"São os que sofrem a ira de Deus na terra.

"São os que sofrem a vingança do fogo eterno.

"E que são arremessados ao inferno e sofrem a ira de Deus Todo-poderoso..." (D&C 76:103-106)

Nós, em geral, consideramo-nos cristãos, alegando levar o nome de Cristo e cultivar em seu santo nome. Mas, seremos realmente cristãos de coração? Será nosso culto aceitável a ele? Isto podemos determinar, perguntando-nos se guardamos de verdade os seus mandamentos. Se não, seremos dignos de levar seu nome?

Alguém indagou: "Se tivesses que provar num tribunal que és cristão, o que apresentarias como prova?"

Os cristãos precisam aprender que a trapaça não tem nada do espírito cristão. Não existe nenhum vestígio de retidão na hipocrisia. Não há nada de bom na mentira.

É preciso reconhecer que, sem honestidade, não somos limpos aos olhos de Deus, e que nada impuro pode chegar à sua presença. Recorrer a práticas desonestas é apostar do modo de vida cristão. A apostasia de Cristo nos torna anti-Cristo, e quem entre nós pode dar-se a isso? Anti-Cristo é ser contra ele, lutar contra ele, mesmo por desobediência passiva. Combater Cristo é expulsar Deus da nossa vida, e isto, mais do que outra coisa qualquer, provoca auto-destruição.

O homem pode filosofar e negar a existência de Deus; pode apelidar a religião de mito; pode mesmo arquitetar seus próprios conceitos intelectuais, porém sem resultado algum. A evidência de Deus é insuperavelmente maior do que todos os protestos e teorias vãs que procuram eliminá-lo. Como disse certo poeta: "Somente o louco sustenta que Deus não existe."

Nesta época de grandes feitos, há muito mais razão para crer em Deus do que jamais houve. Todas as nossas descobertas, todas as nossas realizações científicas, até mesmo o envio de homens à Lua, proclamam a existência e o poder de Deus.

Não existe precisão no acaso, e nem certeza na espontaneidade. No universo, porém, há precisão e certeza, e estas coisas — segundo afirmam nossos maiores cientistas — **atestam a glória de Deus**; e por isso eles proclamam como o antigo salmista em alta voz: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude." (Ver Salmo 24)

Por menor que seja nosso interesse no Evangelho, devemos vivê-lo integralmente. Não há razão para enganarmos a nós mesmos, tornando-nos vítimas de nossa própria imprudência. Para ser salvos no reino

dos céus, temos que guardar suas leis honesta, completa e sinceramente — um fato tão simples, que mesmo uma criança pode entendê-lo. Mostrar-se tíbio em relação a elas é repugnante ao Senhor. Disse mesmo aos “mornos”, que não são nem frios nem quentes, que irá vomitá-los de sua boca.

Por que, supondes vós, ele ordenou que o sirvamos de todo o coração, poder, mente e força?

Porventura teremos esquecido que ele disse que, se aceitássemos seus mandamentos com coração duvidoso e fôssemos indolentes no seu cumprimento, seríamos condenados? (Ver D&C 58:29)

Para sermos cristãos de fato, devemos sempre lembrar e guardar o que segue:

“...se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.” (Mateus 5:23-24)

“Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós.” (Mateus 7:12)

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:39)

Não vos lembrais de que o Salvador nos ordenou explicitamente: “Não sejas como os hipócritas”? (Mateus 6:5) Ele explicou ainda que “ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24)

Existe ainda outra passagem vital: “O que usa de engano não ficará dentro da minha casa; o que profere mentiras não estará firme perante os meus olhos.” (Salmos 101:7)

Quando o Todo-poderoso, falando do Sinai, deu-nos o mandamento de não furtar, acrescentou logo a se-

guir: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo”, como também que não devemos cobiçar nada o que lhe pertença. (Ver Êxodo 20:16-17)

Nas escrituras modernas, declarou peremptoriamente: “Não mentirás; o que mentir e não se arrepender, será lançado fora.” (D&C 42:21)

E tornou este grande preceito uma parte importante dos ensinamentos cristãos: “Não falarás mal do teu próximo, nem lhe farás mal algum.” (D&C 42:27)

E depois, indo ao lado oposto da questão, ao ensinar que devemos evitar a cobiça e a avareza que conduzem a toda espécie de desonestidade, incita-nos a tomar o caminho mais elevado. Em lugar de **tirar** de nossos semelhantes, temos que aprender a **dar** — a ser bons samaritanos no sentido literal da palavra; compartilhar com os menos afortunados, e demonstrar verdadeiramente amor pelos semelhantes. Por isso, disse: “...tu te lembrarás dos pobres, e para o seu sustento consagrarás das tuas propriedades... E se repartes com os pobres as tuas posses materiais, a mim o fazes...” (D&C 42:30-31)

O Salvador conhece o pesado fardo do pecado. Ele o suportou no Getsêmani e na cruz por causa de cada um de nós. Ela sabe que a vida pecaminosa é cara e miserável, e que iniquidade nunca foi felicidade, e assim, convida-nos a levar um fardo mais leve, um fardo de alegria, alívio e profunda satisfação, dizendo:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

“Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30)

O Senhor deixou claro que todos nós necessitamos arrepender-nos, e que se o fizermos com sinceridade e aceitarmos seu jugo de amor, perdão e obediência, ele nos receberá.

Por intermédio de seu antigo servo João, ele nos diz:

“...se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.

“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.”

Mas, por outro lado, disse:

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.” (I João 1:7-9)

“Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo.

“Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deve ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos.” (I João 2:10-11)

E temos ainda as palavras de Tiago, de que a fé sem obras é morta. É preciso combinar nossa fé com nossas obras, e nossas obras com nossa fé, para sermos cristãos de fato, e nossas obras têm que ser justas. (Ver Tiago 2:17-18)

O Espírito de Deus é o espírito da verdade. O Salvador é a personificação da verdade. Disse ele, falando de si mesmo: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.” (João 14:6)

Não há salvação no reino de Deus, a não ser pela verdade, e esta verdade é Cristo. Este é o meu testemunho que vos deixo em nome de Jesus Cristo. Amém.

Um Alicerce para o Milênio

LeGrand Richards

Do Conselho dos Doze

Sou imensamente grato ao meu Pai nos céus pelo privilégio de poder participar de mais uma conferência geral da Igreja, com todos vós, fiéis irmãos SUD aqui presentes esta tarde.

O Salvador disse: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.” (Mateus 4:4) Estou certo de que todos os que tiveram a oportunidade de participar das últimas três sessões desta conferência, sentiram que realmente foram alimentados com o pão da vida eterna. Recebemos alguns maravilhosos conselhos e inspiração dos servos do Senhor.

O pão serve para manter vivo o corpo, porém não basta para conservar a vida do espírito. Gostaria de cumprimentar este coro do **Colégio Ricks** pelo maravilhoso número musical apresentado. Poucas semanas atrás, estive lá participando de um serviço religioso, e não podemos deixar de dar graças ao Senhor por todas as instituições da sua Igreja, e o que elas e as oportunidades educacionais estão fazendo pelos nossos jovens.

Hoje gostaria de falar-lhes algumas palavras sobre a espécie de alicerce que temos para a nossa fé, para o que vivemos, e quais são realmente nossas metas e ambições. Penso na época em que o belo templo desta praça foi construído, há mais de cem anos. Quando o alicer-

ce estava sendo assentado, e dizem que tinha cinco metros de largura, certa vez o Presidente Brigham Young chegou e viu os operários utilizando lascas de granito. Ele então ordenou que fossem tiradas e substituídas por aqueles grandes blocos de granito, com a alegação: “Estamos construindo este templo para resistir por todo o milênio.” Não é um ótimo pensamento? Cada um de nós deveria procurar edificar a sua vida, e ajudar a sua família a fazer o mesmo, de modo que permaneça durante o milênio.

Ao ouvir na sessão matutina, o irmão Romney falar das promessas dos profetas e do próprio Salvador referentes à sua vinda, quem entre nós não desejaria trilhar o caminho que nos assegure sermos contados, juntamente com os entes queridos, entre os que surgirão quando soar a trombeta de Deus, e poder participar de sua presença?

Penso nas palavras do apóstolo João a quem, durante seu banimento na Ilha de Patmos, um anjo mostrou todas as coisas, desde a batalha nos céus, quando Satanás foi expulso, até a cena final. Ele viu os mortos, grandes e pequenos, de pé diante de Deus, e abriram-se os livros e os mortos foram julgados segundo o que estava escrito neles, de acordo com as suas obras — não apenas por sua fé, nem pelas palavras saídas de suas bocas, porém por suas

obras. E a morte e o inferno entregaram os mortos que neles havia, e foram julgados, cada homem segundo suas obras. (Ver Apocalipse 20:12-14)

“...e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram... Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos.” (Apocalipse 20:4-6)

Quem, entre os que alguma vez foram tocados pelo divino Espírito, é que se satisfaria em esperar mil anos pelo soar da trombeta de Deus, sabendo que poderia ter-se preparado? E se o templo precisa de um alicerce de cinco metros para durar até o milênio, então da nossa parte haverá necessidade de grande soma de obediência, a fim de nos prepararmos para esse glorioso evento.

O Senhor falou: “...estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontram.” (Mateus 7:14) E por isto queremos ter certeza de estar naquele caminho estreito e apertado que leva à vida. Noutra ocasião, disse ainda:

“Todo aquele... que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;



"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

"E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda." (Mateus 7:24-27)

A espécie de alicerce sobre o qual edificamos nossa vida é exatamente tão importante para nossa felicidade eterna, como aquele sobre o qual construíram o templo sagrado, a fim de que durasse o milênio inteiro.

Anos atrás, durante minha presidência na Missão dos Estados do Sul, certa noite proferi um discurso em Quitman, Georgia, sobre a duração eterna do convênio matrimonial e da unidade familiar, citando trechos do livro **Do Men Believe What Their Church Prescribes?** (Os Homens Acreditam no Que Suas Igrejas Prescrevem? N. do T.), de autoria do Irmão Rulon S. Howells. Nesse livro, existe um gráfico em que ele enumera todas as principais

igrejas e depois seus pronunciamentos e atitude diante dos princípios doutrinários fundamentais, inclusive a respeito da duração eterna do convênio matrimonial, e nenhuma delas o aceita.

Simplesmente não consigo compreender como podem ler a Bíblia e ainda assim descrever, e como em todas as igrejas espalhadas pelo mundo, o casamento é celebrado apenas até que a morte o separe. Que conceito mais inconsistente! Por que não remontam à época em que Deus, havendo terminado a criação desta terra e visto que era bom o que fizera, colocou Adão sobre ela e então disse: "Não é bom que o homem esteja só..." (Gên. 2:18) Por isso, fez-lhe uma adjutora, dizendo: "...e serão ambos uma carne." (Gên. 2:24) Pois bem, o que Deus juntou e tornou uma só carne, ninguém poderá separar, sem ter duas metades em lugar de dois inteiros. Jesus repetiu o mesmo conceito, quando disse:

"Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne."

"...Portanto o que Deus juntou

não o separe o homem." (Mateus 19:5-6)

Ao término daquela reunião, fiquei junto à porta, a fim de cumprimentar as pessoas que saíam. Um senhor então apresentou-se como ministro batista, e eu perguntei-lhe: "Porventura afirmei algo de errado sobre sua igreja?" "Não, Sr. Richards," respondeu. "É exatamente como o senhor disse. Nem todos acreditamos em tudo o que nossas igrejas pregam." E eu retruquei: "E o senhor também não acredita. Por que não volta lá e ensina a verdade à sua gente? Do senhor eles o aceitariam, embora ainda não estejam preparados para aceitá-la dos élderes mórmons." Ele então disse: "Eu voltarei a vê-lo," e isto foi tudo o que consegui dele naquela noite.

Na próxima vez que fui àquele ramo para uma conferência, aproximadamente quatro meses mais tarde, minha chegada foi noticiada pela imprensa por eu ser o presidente da missão. Chegando à pequena capela, encontrei o ministro batista esperando por mim. Ao cumprimentá-lo com um aperto de mão, comentei: "Eu gostaria imensamente de saber

o que o senhor achou do meu último sermão aqui." E ele disse: "Sr. Richards, estive pensando sobre ele até hoje. Acredito em cada palavra que o senhor disse." Depois, acrescentou: "Mas eu gostaria de ouvir o resto sobre o assunto." Como poderia um homem que ama sinceramente sua esposa e filhos não desejar crer nesse princípio?

Como ele, existem outras pessoas que acreditam que o casamento deveria ser eterno, mas, pelo que me consta, não existe outra igreja no mundo inteiro, fora a nossa, que creia



na duração eterna do convênio matrimonial.

Considerai a diferença que faz em nossa vida, quando sabemos que iremos viver para sempre e todo o sempre! Eu preferiria acreditar que a morte é a completa aniquilação do corpo e do espírito do que pensar que, ao chegar, ela me separaria da minha esposa e dos meus filhos e que não mais nos conheceríamos. Digo-vos, nesse caso, não restaria muito por que esperar. Como poderia alguém desejar continuar vivendo pelas eternidades afora, sem a continuação dos vínculos de amor que nos ligam aqui?

Temos visto casos de rapto de crianças. Lembro-me ainda, penso que foi em 1932, de quando raptaram o filhinho do Coronel Lindbergh,

exigindo um resgate de cinquenta mil dólares. Ele os teria pago de bom grado, se ao menos lhe devolvessem o filho. Mas é aqui que entra nosso conhecimento da vida eterna. Esta manhã, o Irmão Marion G. Romney citou a revelação do Senhor, na qual ele nos diz que as crianças ressurgirão na ressurreição dos justos, crescendo sem pecado para a salvação. (Vide D&C 45:58)

Alguns dentre nós viram-se obrigados a depositar na sepultura o corpo de um filhinho. Enquanto eu presidia à missão na Holanda, nasceu-nos

uma filhinha que permaneceu sob a nossa guarda por três anos e meio. Minha esposa tem afirmado repetidamente que ela nos foi trazida por anjos, pois que sentiu a presença deles, e no entanto, tivemos que dar-lhe morada num túmulo. Se, naquela ocasião, pensássemos que era o fim, teríamos dado qualquer coisa deste mundo para recuperá-la. E então chegamos a esse sublime conhecimento encontrado no Evangelho restaurado, de que no mundo eterno, ela voltará a ser nossa, dando-nos a alegria de vê-la crescer sem pecado para a salvação. Às vezes, penso que provavelmente alguns espíritos excepcionais não necessitam das experiências da mortalidade como os outros filhos, e por isso o Senhor acha por bem chamá-los de volta.

Tivemos quatro filhas, antes de nascer-nos um garoto. Quando fomos mandados presidir a uma estaca na Califórnia, nosso filho saiu com um dos membros do sumo-conselho e perdeu a vida num acidente. Aquela foi a maior provação que já tivemos, mas agora estamos chegando ao topo da escada, por assim dizer, com ansiosa antecipação, pois sabemos que esses vínculos de amor foram criados por Deus, nosso Pai Eterno, para durarem infinitamente. Saber que reencontraremos esses seres tão caros e sagrados ao nosso coração, torna a morte menos aguilhoante. Graças damos a Deus por este conhecimento! Desejo que nossas obras aqui sejam de molde a nos tornarem dignos de ficar ao lado de nossos entes queridos e dos filhos santificados e redimidos de nosso Pai.

Irmãos, somos um povo abençoado. Somos abençoados com o privilégio de viver aqui na terra após ter sido o Evangelho restaurado e de ter conhecimento das suas verdades. Somos abençoados com um alicerce sobre o qual podemos fundamentar a fé que nos torna felizes todos os dias em convívio com nossos entes amados. Não admira que o Presidente McKay tenha repetido tão amiúde que nenhum sucesso na vida pode compensar o fracasso no lar. E quanto mais achegados a Deus viverem marido e mulher, pelo cumprimento dos seus mandamentos, tanto maior o amor existente no lar, e mais profundo o conhecimento de que esse amor poderá sobreviver por todas as eternidades vindouras.

Enquanto eu presidia à Missão dos Estados do Sul, uma de nossas crianças mórmons tomou um livro emprestado da professora; ao ser-lhe

devolvido, esta encontrou dentro das páginas um desses cartões com as Regras de fé. A professora as leu, e depois procurou o ministro de sua igreja, dizendo: "Por que a nossa igreja não pode ter algo como isto?" O clérigo não conseguiu dar uma explicação satisfatória, e assim ela escreveu ao Escritório de Informação, aqui da cidade de Lago Salgado. Este lhe remeteu literatura informativa, e a nós, o endereço dela — os missionários a procuraram e ela acabou filiando-se à Igreja.

Então penso eu, ao ler essas Regras de Fé escritas pelo Profeta Joseph Smith (e existem ainda uma porção de outras doutrinas importantes que ele deixou de enumerar), como pode alguém lê-las e não acreditar que temos a verdade? Nenhuma outra igreja no mundo tem um fundamento assim para sustentá-la. Para concluir, gostaria de citar algumas delas:

"Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo." Dois personagens distintos, separados, ensinou o Profeta Joseph, com corpos de carne e ossos, e um personagem espiritual, o Espírito Santo.

"Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão." Não há muitas igrejas que acreditam nisto.

"Cremos que, por meio do Sacrifício Expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho." O que mais se ouve pregar hoje em dia é que basta aceitá-lo como nosso Salvador, enquanto nós professamos ser preciso **fazer** o que ele manda.

"Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo." Não creio que haja no mundo qualquer outra Igreja estabelecida sobre este fundamento, embora no sexto capítulo de Hebreus, Paulo diga: ...deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus.

"E da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." (Hebreus 6:1-2)

Isto é exatamente o mesmo que dizem nossas Regras de Fé.

"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças." Nenhuma outra igreja segue isto; eles pensam que têm autoridade, por lerem a Bíblia.

"Cremos na mesma organização existente na Igreja Primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas etc." Paulo diz-nos que sua igreja é edificada sobre o fundamento de apóstolos e profetas, com Cristo como a principal pedra de esquina. Não existe outra igreja com tal fundamento.

"Cremos nos dons das línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação das línguas etc."

"Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, o quanto seja correta sua tradução; cremos também ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus." Nin-

guém pode crer na Bíblia, sem saber da existência de outro volume de Escrituras, que Deus prometeu trazer à luz, para juntar e unir a ela, tornando os dois um em sua mão.

"Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus." Em outras palavras, cremos em revelação contínua e que a verdadeira Igreja de Cristo é dirigida por revelação hoje em dia.

E ainda: "Cremos na coligação literal de Israel e na restauração das Dez Tribos; que Sião será construída neste continente (o americano); que Cristo reinará pessoalmente sobre a terra; e que a mesma será renovada e receberá a sua glória paradisíaca." Nós sabemos destas coisas, e diz-nos Isaías que, ao chegar esse dia, teremos um novo céu e nova terra, na qual o cordeiro e o leão apascentarão juntos, nós construiremos nossas casas e nela habitaremos, e plantaremos nossas vinhas e comeremos de seus frutos. Não edificaremos para que outro habite, pois todo homem gozará das obras de suas próprias mãos, e são os benditos do Senhor e os seus descendentes com eles. (Vide Isaías 65:17-23)

Portanto, não admira que queiramos estabelecer um fundamento comparável àquele sobre o qual se apoia o sagrado templo, a fim de assegurar que possamos permanecer durante o milênio, juntamente com nossos entes amados. Que Deus nos ajude, a cada um de nós e nossos familiares, a alcançar este objetivo, eu oro, deixando-vos minha bênção em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Confessar e não Reincidir: Elementos

James A. Collimore

Assistente do Conselho dos Deuses

Olhando para esta vasta audiência, ouvi-me contar de que a maior parte da platéia está ocupada por líderes do Sacerdócio, e entre estes, os bispos estão em maioria.

Sinto profundo respeito pelos bispos da Igreja e suas numerosas responsabilidades. O bispo é o pai e o sumo-sacerdote presidente da ala, e um juiz comum em Israel. Uma das áreas de sua jurisdição é determinar o merecimento de alguém para ocupar ofício na Igreja, oficiar nas ordenanças dela, ter recomendação para o templo etc.

É dever do bispo aconselhar os membros de sua ala, assistir-os em

seus problemas, ouvir a confissão de transgressores e ajudá-los em seu arrependimento. Infelizmente muitos destes, em virtude de suas transgressões, são um tanto inativos e precisam de muita atenção. Sentem-se perdidos por causa de seus erros — acham que não vale a pena tentar mudar de rumo. E a estes membros, por toda a Igreja, que eu gostaria de dirigir particularmente minhas palavras de hoje. Todos eles são filhos admiráveis de nosso Pai, que tropeçaram num momento de fraqueza ou devido a circunstâncias possivelmente alheias à sua vontade, e agora, com seu desespero e remorso, julgam tudo perdido. A atitude mais comum é: "O que adianta? Para mim não há mais esperança. Jamais poderei ser perdoado." Mas estas palavras podem ser ajudadas pela dedicação de um bispo que não desiste em se interessar por

elas. Quando descobrirem que há esperança, que Deus é misericordioso, que apenas através dos pecados, um raio de luz atravessa as trevas e a depressão do pecado.

Em uma carta recebida por um bispo, de pessoa nas mesmas condições, após trinta e sete entrevistas em que a mesma havia aberto seu coração ao bispo, este lhe assegurou que nem tudo estava perdido, e que os pecados são perdoados, desde que haja arrependimento sincero. Dias depois, ela escreveu:

"Não sei por que a gente não percebe o peso que carregou, até que o fardo se torna mais leve. Sei que reparar o mal cometido leva tempo, e talvez a melhor maneira de expressar minha gratidão ao senhor e ao meu Pai nos céus seja tornar-me a pessoa que sou aos seus olhos e a pessoa que poderia vir a ser aos olhos de Deus. É engraçado, mas sinto-me de certa forma amedrontado — não aterrorizado, apenas um sentimento da importância daquilo que fazemos nesta vida. A vida sempre teve tanta coisa a me oferecer, como ser capaz de ver, tatear, provar e sentir; como admirar um pôr do sol, ouvir o riso de um bebê, etc. ver crianças brincando ou ver alguém superar um obstáculo em sua vida. Mas há sempre também o choro do bebê, e as rixas entre crianças e alguém que se deixa vencer."



atos do Arrependimento Genuíno

Para o transgressor, possivelmente a Escritura mais alentadora seja esta: "Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e Eu, o Senhor, deles não mais me lembro." (D&C 58:42)

O Presidente Kimball explica esta questão com boa lógica, quando diz: "... o chamado de arrependimento dos pecados é para todos os homens — ele promete perdão dos pecados àqueles que o atenderem. Que farsa não seria chamar ao arrependimento, se não houvesse perdão, e que desperdício à vida de Cristo, se deixasse de prover a oportunidade de salvação e exaltação!" (*The Miracle of Forgiveness*, p. 344)

Uma das mais belas Escrituras veio-nos de Isaías, na qual ele promete perdão a todos os que se arrependerem

"Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto.

"Deus o impio o seu caminho, e o homem inutiliza os seus pensamentos, e se converte ao Senhor, que se compedecerá dele, torna para o nosso Deus, porque piedoso é em perdoar." (Isaías 55: 7)

O arrependimento nem sempre é fácil. Exige muita humildade. Com frequência, requer coragem sobre-humana, principalmente em caso de transgressão maior. Mas o Senhor deixou claro como verificar se alguém arrependeu-se realmente de seus erros. Disse ele: "Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessara e os abandonará." (D&C 58:43)

Confessar e não reincidir são, portanto, dois elementos importantes do arrependimento. Depois que alguém veio a reconhecer sua transgressão e decidiu emendar-se, precisa humilhar-se e confessá-la. Seria bem mais fácil simplesmente deixar de transgredir, em caso de pecado sério, sem contar a ninguém. Mas, mortificar o próprio eu, confessando-se aos ofendidos e ao bispo, é tarefa bem mais difícil e requer verdadeira humildade.

Após a confissão, o transgressor deve demonstrar seu arrependimento por boas obras, cumprindo fielmente os mandamentos do Senhor. A reparação também é parte importante do arrependimento. A reparação, na medida do possível, é feita para restituir o que foi tomado ou reparar o dano causado, demonstrando seu arrependimento aos ofendidos e desejo de compensar o mal cometido.

O Presidente Harold B. Lee soube exprimi-lo de maneira magnífica:

"Esta confissão deve ser feita primeiro à pessoa mais prejudicada por seus atos. Confissão sincera não é mera admissão da culpa depois da prova já evidenciada. Quem ofender abertamente deverá reconhecer sua culpa também abertamente perante aqueles a quem ofendeu, demonstrando, assim, sua vergonha, humildade e espontaneidade de aceitar a merecida repreensão. Se o ato tiver sido secreto, não resultando em dano a ninguém senão ao próprio, a confissão deverá ser também em segredo, e o Pai que ouve secretamente talvez o recompense abertamente. Ações que possam afetar sua repu-

O Presidente Kimball escreveu exatamente a situação a que me referi:

"Ao longo do peso da consciência deixa a pessoa tão acobardada, que, ao se mostrar arrependida, olha para trás e vê a hediondez e abominação da sua falta, sentindo-se asoberba e duvidosa: 'Poderá o Senhor perdoar-me algum dia? Conseguirei o perdão a mim mesma?' Porém, quando atingimos as profundezas do desalento, sentimos toda a inexorabilidade da situação e, em nossa impotência mas com fé, clamamos. A Deus por misericórdia, uma voz suave e mansa, porém penetrante, toca a alma: 'Teus pecados te são perdoados.'" (*Miracle of Forgiveness*, Bookcraft, 1969/ p. 344)

As Escrituras dão-nos grande conforto. Na primeira epístola de João, encontramos: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça." (I João 1:9)

E lemos também: "Pois eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância";

"Entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor será perdoado." (D&C 1:31-32)

tação, direito a privilégios ou avançamento na Igreja, devem ser prontamente confessados ao bispo, designado pastor de todo o rebanho e comissionado como juiz comum em Israel pelo Senhor. Ele pode ouvir tais confissões em particular, decidindo com justiça e misericórdia, conforme justifique o caso... Depois da confissão, aquele em pecado tem que mostrar os frutos de seu arrependimento com boas obras que contrabalancem as más. Deve fazer a devida reparação na medida de sua capacidade, para restituir o que tirou ao remediar o mal feito." (**Youth and the Church** /Deseret Book Co., 1970/ p. 99)

Após ter alguém confessado sua transgressão e iniciado o processo de arrependimento, demonstrando com boas obras o desejo de ser plenamente perdoado, como saber quando é chegada a hora do perdão? Quando sabemos que ele está realmente arrependido?

Numa revelação à Igreja dada em Kirtland, Ohio, em 1831, disse o Senhor: "...na verdade vos digo que eu, o Senhor, perdôo os pecados daqueles que os confessam perante mim e pedem perdão, se não pecaram mortalmente.

"Portanto, digo-vos, que deveis vos perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior.

"Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens." (D&C 64:7, 9-10)

Estas instruções explícitas à Igreja — de que devemos perdoar a todos os homens — não significam todavia

que o bispo, após ter ouvido a confissão de um de seus membros, deva absolvê-lo imediatamente de toda a responsabilidade pelas transgressões com o seu perdão. Sem dúvida, ele é misericordioso — estende-lhe a mão, mostra-se bondoso e compreensivo, e faz tudo ao seu alcance para trazê-lo de volta à plena atividade. Mas, a despeito de seu amor e empatia, poderá ver-se obrigado a impor uma penalidade, um "tempo de prova", durante o qual lhe são negados certos privilégios dentro da Igreja, dependendo da gravidade do caso.

Conta-se que alguém perguntou a um dos Irmãos: "Quando alguém é perdoado de suas transgressões?" e este respondeu: "Quando tiver se arrependido." Seguiu-se nova pergunta: "Como a gente sabe que ele se arrependeu?" e respectiva resposta: "Se fosse possível olhar-se dentro do coração da pessoa, saberíamos dizer. Possivelmente tenha sido na hora da confissão, mas, como não sabemos, é requerido um certo tempo, durante o qual a pessoa possa demonstrar seu arrependimento através de fidelidade ao Evangelho."

Esse tempo de prova geralmente será determinado pela gravidade da transgressão e a atitude contrita do transgressor. Uma carta da Primeira Presidência, dirigida a certo presidente de estaca que procurava ajudar um seu membro a obter perdão para sério pecado moral, continha o seguinte parágrafo elucidador:

"Confessar e abandonar o pecado são elementos do genuíno arrependimento, devendo ser combinados com reparação, na medida do possível, de todo o mal cometido, e a guarda de todos os mandamentos do

Senhor. Resta certa dúvida se houve ou não tempo suficiente para determinar o cumprimento do elemento de não-reincidência. Sentimos que é preciso conceder mais tempo, para que a pessoa prove sua capacidade de viver retamente no futuro."

O **Manual Geral de Instruções** da Igreja prevê um certo tempo de espera, após uma transgressão grave, antes que o indivíduo possa reaver todos os privilégios de membro da Igreja e do Sacerdócio.

Porém, sejam quais forem as penalidades, ou quão longo e árduo o processo, ainda que fosse humilhar-se com saco e cinzas, o arrependimento é o único caminho.

Nossos pecados podem ser lavados totalmente pelo sangue expiatório de Jesus Cristo. Ou, nas palavras de Amuleque: "...ele disse que o Senhor sem dúvida viria para redimir seu povo, mas que não viria para o redimir em seus pecados, senão para o redimir de seus pecados.

"E ele tem poder, recebido do Pai, para redimir o povo de seus pecados por meio do arrependimento. (Helamã 5:10-11)

Agora uma palavra final de garantia de que o penitente pode ser perdoado: "Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá quem Eu sou." (D&C 93-1)

Pode não ser fácil — o caminho talvez seja longo, mas deixo-vos meu testemunho de que é o caminho que o Senhor, em sua Misericórdia, nos proveu. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



“Assim Diz o Senhor”

Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Há cerca de um mês, fui enviado pela Primeira Presidência à América do Sul, para realizar uma série de conferências. Francamente, não sabia bem o que esperar daquela terra. Quando vi aqueles países e sua gente, não poderia ter ficado mais abismado.

Encontrei grandes cidades com arranha-céus ultra-avançados, e co-

modidades modernas por todos os lados. O tráfego era tão intenso como nos grandes centros norte-americanos. Estavam construindo edifícios de apartamentos, escritórios, metrô, estradas e indústrias em ritmo febricitante, tentando suprir as necessidades de uma economia em rápida expansão.

Francamente, apaixonei-me pelos

povos sul-americanos. Quando lá cheguei, não conhecia uma única pessoa, mas fui recebido com tamanho calor e hospitalidade, que, ao partir pouco tempo depois, vi-me despedindo de numerosos novos amigos com um fraternal abraço de afeição.

Conversando com líderes da Igreja, descobri que os sul-americanos enfrentam problemas idênticos aos



de outras partes do mundo. Meus amigos da América do Sul contaram-me que o povo de lá se encontra tão preocupado em satisfazer suas necessidades materiais, que negligencia o aspecto espiritual. As igrejas estão perdendo a ascendência sobre seus membros, sua influência declina, o povo perdeu interesse pelas religiões de hoje. As pessoas não mais encontram consolo nem alívio nos ensinamentos e filosofias religiosas.

O mesmo acontece na Europa e nos Estados Unidos. Suponho ser semelhante no mundo inteiro. Em muitas regiões, as igrejas estão-se tornando centros de ativismo político. Ministros e sacerdotes lideram marchas de protesto de cunho político. Pastores voltam-se para a psicologia, psiquiatria e ciências sociais, numa tentativa de preencher e atender às necessidades emocionais e espirituais de seus paroquianos. Os sermões são obras-primas intelectuais de homens cultos, treinados como oradores em escolas de teologia, mas suas palavras são vazias de sentimento. Eles transmitem mensagens plenas de sabedoria humana, mas não de Deus.

Os líderes eclesiásticos sentem e percebem isto. E em conseqüência, procuram reformar suas igrejas. Profundas modificações doutrinárias e de sistemas estão sendo propostas, algumas delas realmente já postas em prática. Convocam-se conferências e sínodos, a fim de procurar definir pontos de doutrina, métodos de procedimento ou o fraseado das

ordenanças evangélicas etc. Parece-me que os homens tentam falar **por** Deus, em lugar de deixar Deus falar **por si próprio**.

Diz-se que o que mais falta faz hoje em dia é a voz de Deus, e não a do homem. Qual a geração humana mais necessitada da voz de um profeta de Deus para guiá-la, senão a nossa? Nesta época em que somos assediados por vozes, clamando de todos os lados: "Eis aqui a verdade" ou "Não, a verdade está ali", onde achar uma voz autorizada, afirmando: "Assim diz o Senhor"? Onde encontrar um Moisés, ou um Isaías, Pedro ou Paulo que possam falar com conhecimento pessoal de Deus?

Eu vejo, assim como vós, dissensões ideológicas espalhando-se por todas as longitudes e latitudes da terra. Nos jornais, revistas e livros, deparamo-nos com as mais variadas proposições de homens, visando resolver problemas morais e éticos por meio de leis. Vemos homens e mulheres recorrendo a teorias políticas ou à ciência como recurso para solucionar os problemas espirituais e morais da civilização atual. Tentamos resolver nossos problemas pela filosofia, o conhecimento e a sabedoria dos homens. Volto a ouvir as palavras de Isaías, proclamando os intentos e a vontade de Deus:

"Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar.

"Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.

"Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.

"Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não torna, mas rega a terra, e a faz produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come,

"Assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envieí." (Isaías 55:7-11)

A maneira de Deus é o caminho para solucionarmos nossos problemas políticos, morais, éticos e mesmo os financeiros. O caminho do Senhor é capaz de eliminar guerras, motins, discriminação, sofrimentos e miséria. Portanto, o que o mundo precisa é da orientação de um profeta verdadeiro que, conhecedor dos intentos e da vontade de Deus, possa falar em nome dele com poder e autoridade, e dizer: "Assim diz o Senhor!"

E este dia chegou! Os profetas do Velho Testamento já predisseram que, nos últimos dias, Deus restabeleceria na terra o seu reino, para nunca mais ser destruído. Daniel falou de uma pedra que Deus cortaria do monte com suas próprias mãos e que rolaria, enchendo toda a terra. Miquéias afirmou que isto sucederia nos últimos dias, quando a terra es-



taria repleta de distúrbios e revoltas. Malaquias profetizou a vinda de Elias e a restauração de todas as coisas. Jesus afirmou que um mensageiro, ou Elias, seria enviado antes da sua segunda vinda, a fim de restaurar todas as coisas em preparação para esse evento futuro. Pedro testificou que, nos últimos dias, viriam tempos de refrigério, e que Jesus permaneceria nos céus "até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:21)

Esta restauração, predita há tanto, iniciou-se tão quieta e despretenciosamente, que o mundo nem sequer se deu conta do que ocorria. Ela chegou silenciosa e discreta "como o ladrão de noite" (I Tess. 5:2). Não foi pela sabedoria do homem, mas em resposta à oração singela de Joseph Smith, um adolescente do Estado de Nova York, que se dirigiu a um bosque perto de Palmyra, para fazer a Deus uma simples pergunta: "Qual é a igreja certa?" Aquele jovem não fazia idéia de que estava para raiar uma nova dispensação da misericórdia e bondade de Deus. Não havia então um profeta vivo sobre a terra que pudesse responder ao rapaz. Não existia meio de Deus responder àquela pergunta, a não ser que o fizesse pessoalmente.

O verdadeiro conhecimento de Deus fora perdido no decorrer dos séculos, após a morte de Cristo. Quando Joseph Smith foi àquele bosque para orar, seu conhecimento de

Deus não era maior que o de seus contemporâneos. Até então, todas as igrejas cristãs criam numa Trindade fundida em um só ente e isto pregaram. Acreditavam num Deus de espírito, desconhecido e incompreensível. Por certo, podeis imaginar o assombro de Joseph Smith, quando lhe apareceram dois Personagens, não um só, em resposta àquela simples prece. Quando um dos Personagens falou, apontou para o outro, apresentando-o com estas palavras: "Este é o meu Filho Amado. Ouve-o!" (Joseph Smith 2:17) Foi Jesus Cristo, vivo e ressurrecto, o próprio Filho de Deus, quem instruiu Joseph e quem assim inaugurou uma nova dispensação do verdadeiro conhecimento de Deus. Explicou ao rapaz que na terra não existia nenhuma igreja autorizada a falar em seu nome. Disse-lhe que, após a devida preparação e o conferimento da autotridade sacerdotal, irja ser o primeiro de uma linha de profetas vivos em nossos dias, para instruir e abençoar a humanidade, assim como haviam feito os profetas antigos.

Exatamente como Jesus Cristo havia anunciado, mensageiros celestiais portadores das chaves do santo Sacerdócio desceram à terra e conferiram a sua autoridade sacerdotal a Joseph Smith e Oliver Cowdery, dando-lhes autoridade para conhecer o intento e a vontade de Deus para estes últimos dias. Esse mesmo poder continua até hoje.

Foram dadas Escrituras adicionais, de modo que, pela boca de duas ou mais testemunhas, pudesse ser esta-

belecida a verdade de todas as coisas. Houve novas revelações, restaurando procedimentos sacerdotais corretos e ordenanças de uso e prática correntes nos dias de Jesus Cristo. A Igreja de Jesus Cristo foi restaurada novamente com os mesmos poderes, dons e autoridade de outros tempos. Mais uma vez, Deus tinha porta-vozes na terra, possuidores do dom de conhecer o intento e vontade divina, e com autoridade para declarar: "Assim diz o Senhor!"

Quando Joseph Smith se ergueu de seus joelhos naquele bosque sagrado, sabia muito mais sobre a natureza, o poder e atributos de Deus, do que os eruditos poderiam descobrir numa vida inteira de estudo. Aqui está o "gênio tutelar" da Igreja de Jesus Cristo de hoje. É o testemunho e poder do Espírito Santo que a distinguem das outras igrejas. Nós não precisamos convocar concílios de homens doutos para debater o intento e a vontade de Deus, pois temos profetas e apóstolos vivos para nos dirigir. Se seguirmos seus conselhos, poderemos evitar os males de hoje e viver em tranqüilidade de fé e paz mental.

Por esta razão, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem um tão grande poder inerente para influenciar de maneira benéfica a vida dos homens. Homens e mulheres, sabedores de que estão fazendo a vontade de Deus, estarão prontos a sacrificar-se, a partilhar, a servir e a viver em paz uns com os outros. A paz jamais provirá de leis ou da filiação a qualquer filosofia

política. Os métodos humanos de solucionar problemas estão sujeitos ao abuso do poder e erros decorrentes da inexperiência ou falta de conhecimento. Paz, alegria e felicidade só podem ser atingidas pela aceitação do plano de vida divinamente revelado.

Na América do Sul, encontrei a Igreja expandindo-se com a mesma rapidez que presenciei durante os últimos três anos, na costa ocidental dos Estados Unidos e Canadá. Em lugar de capelas vazias, nosso problema é onde acomodar os frequentadores. Continuamos a construir em ritmo acelerado, mas é uma luta incessante. Fiquei agradavelmente surpreso ao ver nossas capelas na América do Sul sendo usadas não apenas aos domingos, como também em dias da semana. Os jovens apareciam quase diariamente, utilizando os edifícios e terrenos como um clube social — jogando bola nas quadras, ensaiando peças teatrais e números de música no salão cultural; nas classes, realizavam-se seminários dos jovens, e aulas da Primária para as crianças. Em Buenos Aires, participei de um banquete dos moços. Visitei uma Indústria Desejet em início de operação em Montevideu, onde as irmãs estavam aprendendo a costurar, a reformar roupas, a tricotar, a tecer, enquanto faziam amizade entre si. Em São Paulo, no Brasil, encontrei jovens e velhos trabalhando juntos, sem qualquer vestígio de conflito de gerações, na construção de nova quadra para esportes.

Alguém poderia perguntar: "Como pode um estrangeiro encontrar uma recepção tão calorosa naqueles países, se nem sequer conhecia o idio-

ma deles?" O motivo é que fui aceito como um seu irmão em Jesus Cristo. Dentro do coração, falávamos a mesma língua. Tínhamos os mesmos ideais, idênticos anseios, metas iguais. No Brasil, participei de uma conferência na qual os membros da Igreja estavam tão entretidos, cumprimentando-se e conversando, que houve certa dificuldade em dar início à reunião. Aquela gente sente amor recíproco. É o povo mais sorridente, efusivo e feliz que vi em toda a América do Sul. Com tal fraternidade, será de admirar que as três estacas de São Paulo estejam crescendo tão rápido, que aproximadamente mil novos membros ingressam na família do Senhor todos os anos nessas estacas?

Observando aquele pessoal reunido alegremente, desfrutando a companhia um do outro, pensei em quão poderoso é o Evangelho restaurado. Quando um homem ou uma mulher se convencem de que são filhos literais de Deus, não existem limites para o seu progresso. Este é um conceito fundamental na congregação de nossa Igreja. Como membros de tal estirpe real, não mais nos contentamos em ser iguais aos outros homens e mulheres. Sentimo-nos diferentes; compreendemos que nada poderá impedir nosso sucesso, quando estamos fazendo a obra do Senhor. Temos disposição para trabalhar com mais afinco, sacrificar mais e compartilhar nossos talentos e bênçãos com outros, pois sabemos quem somos. Como Pedro falou aos membros da Igreja primitiva:

"Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis

as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;

"Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia." (1 Pedro 2:9-10)

Se estais desanimados, se estais confusos, se andais em busca de mais luz, maior alegria e felicidade, investigai estas verdades reveladas. Descubri por vós mesmos. Vinde e escutai a voz de um profeta. Juntai-vos ao povo de Deus, para vos tornardes filhos do convênio do Verdadeiro Deus vivente. Adquiri vossa herança no reino dos céus, recebei vossos direitos de linhagem, e alcançai conhecimento do propósito real da vida. E nós, que já somos membros da Igreja de Jesus Cristo, desenvolvamos nossos dons inerentes, sejamos bondosos uns para com os outros, e demonstremos aos nossos semelhantes aquele amor proveniente da aceitação sem reservas dos princípios da verdade.

Presto-vos meu sagrado testemunho de que Deus vive, que Jesus Cristo é o seu Filho vivente — o nosso Salvador, nosso Senhor, nosso rei. Testifico-vos que Jesus Cristo agora fala aos habitantes deste mundo nos dias de hoje, através de profetas vivos. Testifico-vos que o Sacerdócio de Melquisedeque retornou à terra em toda sua majestade e poder, e que atualmente existem apóstolos e profetas verdadeiros que podem afirmar e o fazem: "Assim diz o Senhor!"

Este meu testemunho pessoal eu presto em nome de Jesus Cristo. Amém.

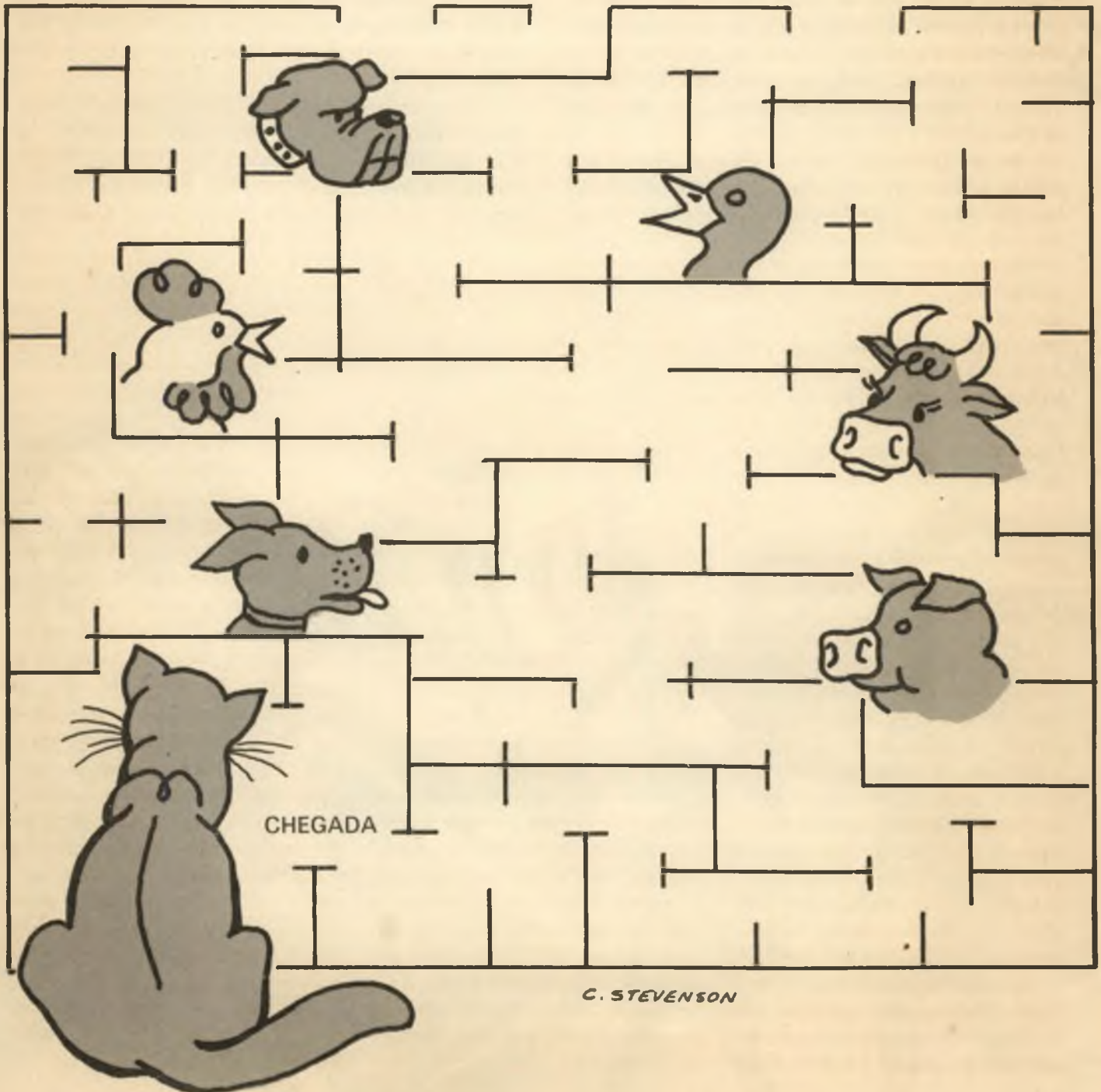
O GATINHO PERDIDO

Charlotte Stevenson

Vamos ver quem consegue ajudar o gatinho perdido a voltar para junto da mãe, sem topar com qualquer dos animais pelo caminho?



PONTO DE PARTIDA



C. STEVENSON

CORAGEM PARA CRER

Anne Sikstad/Illustrado por Ronald Crosby

Fazia um frio intenso naquela manhã de domingo, em Larsmo, na Finlândia, quando o jovem Anders Johansson saiu de casa para ir à igreja. Estando bem agasalhado, o rapaz não se dava conta do ar gélido e tinha prazer na caminhada de uns cinco quilômetros até a pequena casa de culto da Igreja Batista. Anders sempre apreciava o dia do Sábado, pois gostava de aprender a respeito de Deus.

Repentinamente, uma pedrada atingiu sua perna, e logo em seguida outra apanhou suas costas. Saiu imediatamente correndo pelos

campos, sem parar e indagar do porquê. A boa disposição de momentos antes se foi.

Por que me atiram pedras, só por pertencer a uma igreja diferente? admirava-se Anders. **Tenho tanto direito de viver nesta aldeia quanto eles — ainda que adore a Deus de outra maneira!**

Naquele tempo, a Finlândia estava sob o domínio da Rússia, e a maior parte do povo pertencia à Igreja Luterana. Como Anders, quase todos os que frequentavam outras igrejas eram seguidamente molestados. Na verdade, as pedras não o haviam machucado, mas Anders desejava tanto que seus vizinhos em Larsmo se mostrassem tolerantes com as outras religiões.

Enquanto Anders era ainda garotinho, um jovem chamado Gustaf Wallgren, residente na Suécia, tornou-se membro da Igreja. Pouco tempo depois, foi enviado à Finlândia a serviço do governo russo. Entretanto, antes de



partir, foi ordenado élder, a fim de que pudesse pregar o Evangelho e batizar o povo na Finlândia. Sem dúvida, ele foi o primeiro mórmon a viver naquele país.

Em fins de 1875, foram enviados missionários da Suécia para a Finlândia. O governo finlandês opunha-se abertamente a qualquer atividade de igrejas que não a oficial promulgando uma lei que vedava pregar de pé doutrinas de qualquer outra religião. Por conseguinte, para não infringir essa lei, todos os missionários eram obrigados a pregar o Evangelho sentados, enquanto trabalhassem na Finlândia. As cartas escritas por aqueles primeiros missionários contam que essa maneira estranha de pregar até que funcionava bem, "depois de a gente se acostumar".

Somente muito poucas pessoas ousavam então escutar alguém que falasse de uma nova religião. Os que assim faziam eram frequentemente perseguidos, submetidos a julgamento e condenados à mais severa pena permitida pela lei. Um homem que se filiou à Igreja foi condenado a vinte e oito dias de prisão em solitária, com quantidades mínimas de pão e água para sua subsistência.

No verão de 1880, alguns missionários da Suécia chegaram a Larsmo, uma ilha de aproximadamente vinte e quatro quilômetros de comprimento, ao largo da costa oeste da Finlândia. Devido a dificuldades por parte do governo, não puderam demorar-se. Não obstante, antes de partirem, Anders e sua mulher foram batizados, após aceitarem o Evangelho restaurado. Durante algum tempo, foram os únicos membros da Igreja naquela ilha.

Anders logo sentiu desejo de compartilhar o Evangelho, e assim convidou amigos e parentes para que viessem ouvir as maravilhas da nova religião em sua casa. Seu sogro, o carteiro e alguns vizinhos creram e pediram para ser batizados.

— Não estou certo se **posso** batizá-los, — replicou Anders. — Terei que procurar o presidente da missão na Suécia, para saber se tenho autoridade para tal.

Como a viagem de navio era dispendiosa, os que ele havia ensinado contribuíram para que pudesse chegar à Suécia, onde foi ordenado élder.

Em julho de 1946, nesta mesma ilha de Larsmo, a Finlândia foi re-dedicada para a pregação do Evangelho, e em 1947, as fronteiras do país foram liberadas às religiões que ali quisessem estabelecer uma missão.

Pouco tempo depois, foi organizada a Missão Finlandesa. Agora, em 1972, já existem vinte e três ramos da Igreja naquele país.

Por causa da coragem de Anders, de adorar a Deus segundo acreditava ser o certo, muitos de seus filhos, netos e vizinhos são agora membros da Igreja. O primeiro presidente de ramo na Missão Finlandesa foi Anselm Stromberg, neto de Anders Johansson Stromberg, como passou a chamar-se, quando todos os finlandeses foram obrigados a adotar um sobrenome.



GIDEON

Com sua estatura, Gideon destacava-se dentre todo o povo. Era um homem excepcionalmente alto e muito forte. Sua voz vigorosa fez-se ouvir a todo o povo do Rei Límhi e a Amon e sua gente. Uma grande multidão havia acorrido ao chamado do Rei Límhi, para debater um meio de se livrarem do cativoiro lamanita.

— Ó rei, — falou Gideon, — se alguma vez escutaste minhas palavras e elas tiveram alguma utilidade para ti, desejo que escutes o que vou dizer-te nesta ocasião, e livrarei este povo do cativoiro.

Todos os olhos se voltaram para ele. Quão grande era a ansiedade daquele povo pela liberdade! Dia a dia, os lamanitas tornavam-se mais cruéis para com eles, perseguindo e tratando-os bestialmente, acrescentando mais e mais tributos a um fardo já insuportável.

O Rei Límhi mostrou-se ansioso por ouvir as palavras de Gideon. Ele fora aprisionado pelos lamanitas, e era um homem justo e amado por seu povo, a despeito de ser filho do iníquo Rei Noé. Ele não se esquecera de que, certa vez, Gideon havia jurado matar seu pai, mas depois mostrara misericórdia, quando este implorou por sua vida. Límhi era grato por ter havido paz entre seu povo e os lamanitas pelo espaço de dois anos.

Entretanto, alguns dos sacerdotes iníquos do Rei Noé, que ainda permaneciam refugiados no deserto, esconderam-se para observar as filhas dos lamanitas enquanto dançavam e cantavam. Então capturaram vinte e quatro delas, levando-as para longe, no deserto. Os lamanitas acusaram o povo de Límhi do rapto das jovens, fazendo com que o rei se dispusesse a procurar os culpados entre a sua gente. Mas Gideon disse-lhe:

— Rogo-te que te detinhas e não procures entre teu povo, pois que não fariam uma coisa destas. Lembra-te dos sacerdotes iníquos; quem sabe tenham raptado as moças lamanitas.

O Rei Límhi deu ouvidos a Gideon, e este estava certo. Amon e seu povo também queriam escutar Gideon, pois sabiam de sua devoção ao Rei Límhi. Amon viera do país de Zarahemla para a terra de Néfi, à procura dos descendentes de Zeniff que haviam viajado para lá muitos anos antes, alegrando-se imensamente por encontrar o Rei Límhi e seu povo com vida, muito embora lamentasse sua condição de cativoiro. Agora, ele e seu povo esperavam ouvir o que Gideon tinha a dizer.

O rei concedeu a palavra a Gideon, e este então falou:

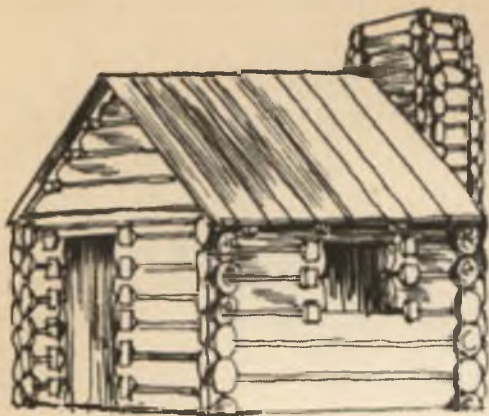
— Lembra-te da passagem no muro posterior, a leste da cidade? Os guardas lamanitas de lá estão desprevenidos e, à noite, geralmente se embebedam. Avisemos, pois o povo inteiro que reúna seus rebanhos e gado, para poder conduzi-los ao deserto durante a noite. Enquanto isso, eu irei, de acordo com a tua ordem, pagar aos lamanitas o último tributo de vinho; e quando estiverem dormindo embriagados, sairemos pela passagem secreta, à esquerda do acampamento, levando nossas mulheres e filhos, nossos rebanhos e gado para o deserto, e contornaremos a terra de Shliom.

O Rei Límhi concordou com o plano de Gideon. Todo o povo reuniu seus rebanhos e pertences, e aprontou-se para partir. Gideon levou aos lamanitas uma porção extra de vinho como presente. Eles beberam à vontade e, não demorou, estavam todos dormindo.

Assim, o povo do Rei Límhi pôde atravessar a passagem durante a noite, indo para o deserto e depois seguiu para o país de Zarahemla, conduzido por Amon e seus irmãos. Em Zarahemla, foram recebidos com grande júbilo, e juntaram-se ao povo governado por Mosiah.

Gideon conseguira resgatar seu povo do jugo dos lamanitas.





Um Novo Lar

Mary Pratt Parrish

Ilustrado por Virginia Sargent

Tommy, deitado sobre o colchão de palha no fundo do carroção, virou-se para o outro lado, aconchegando o acolchoado de retalhos bem junto às orelhas. Noutra manhã qualquer, já estaria pulando fora ao soar da corneta, porém os irmãos haviam decidido ficar em Garden Grove, e assim podia estar deitado mais um pouco.

Mas o som cristalino da corneta acabou mesmo invadindo diretamente o carroção de Tommy. Calçando apressado as botinas, agarrou seu paletó e pulou do carro ao encontro do pai que acabava de sair da tenda.

— O que aconteceu? — indagou.

— Eu não sei, — replicou o pai. — Venha, já vamos saber.

Juntos, foram para perto da enorme fogueira, onde Brigham Young aguardava os homens do acampamento. Quando to-

dos chegaram, ele começou a falar:

— Estamos hoje no dia vinte e cinco de abril, e a terra já está em condições de ser arada. Plantando alguns cereais agora, no outono teremos uma boa colheita. Se não estivermos mais aqui, ela será feita pelos santos que nos seguem. Os que estiverem doentes, poderão ficar aqui até melhorarem, como também os que não dispõem de suficientes mantimentos e roupas podem permanecer, até conseguirem o que precisam. Os santos que vierem depois de nós, utilizarão nossas cabanas até poderem prosseguir.

Fez uma pausa, enquanto o grupo, em silêncio, esperava-o continuar:

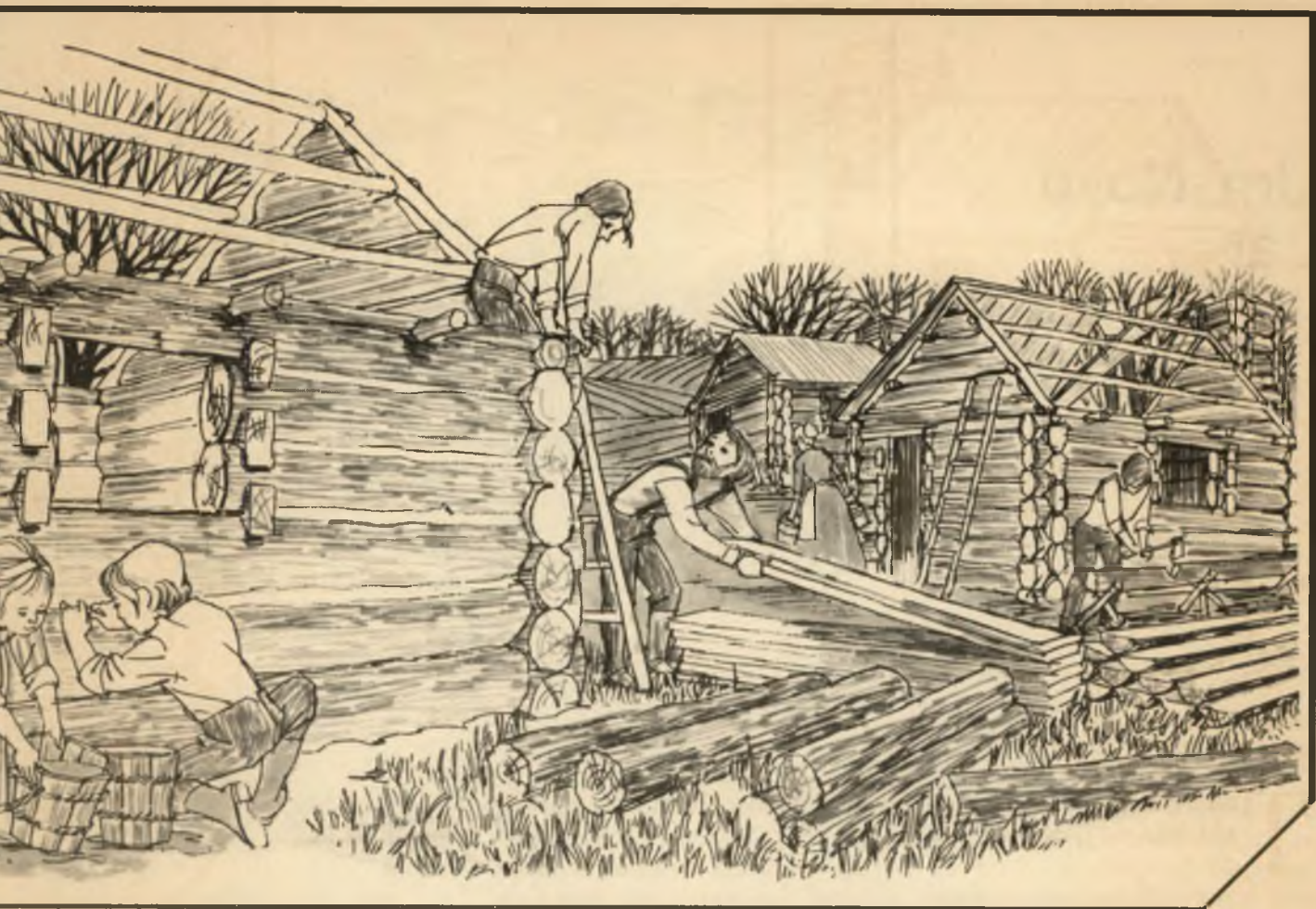
— Dividi o nosso acampamento em grupos, distribuídos da seguinte forma: cem irão trabalhar na derrubada de troncos, quarenta e oito construi-

rão as cabanas, dez levantarão cercas, doze abrirão poços e mais dez irão fazer pontes. O resto, em número de cento e setenta e cinco, cuidará da lavoura — limpar a terra, construir uns arados de madeira, fazer a aração e depois a semeadura.

Assim que o Presidente Young acabou de falar, Tommy foi correndo contar as novidades à mãe.

— É uma ótima maneira de ajudarmos uns aos outros, — disse ela. — Muitos de nossos amigos de Nauvoo partiriam imediatamente para o Oeste, se soubessem que pelo caminho existe um lugar onde obter alimentos e abrigo em caso de necessidade.





— Talvez todos os nossos amigos viessem a saber disto, — comentou Tommy, ao lembrar-se saudoso dos bons tempos com os garotos amigos, lá em Nauvoo.

— Como poderíamos fazê-los saber que haverá uma casa para eles aqui? — perguntou Betsy.

— Creio que os irmãos cuidarão disso, — respondeu a mãe.

Nesse exato momento, chegou o pai, todo alvoroçado com sua designação.

— Fui encarregado da construção de cabanas, — explicou, — e você, Tommy, será o meu ajudante!

— Oba! — gritou Tommy, exultante. E a mãe ficou sor-

rindo, ao ver seus dois “homens” afastando-se lado a lado.

Seguiram-se semanas de grande azáfama. Todas as manhãs, o acampamento despertava ao soar da corneta; e todo mundo botava mãos à obra, tão logo terminasse o desjejum e as orações matutinas. Ao cabo de duas semanas, parecia que aquela pequena comunidade com suas cabanas, cercas, pontes, poços, era coisa de longa data. Ao redor dela, estendiam-se campos e mais campos de terra amanhada e semeada com cereais. Tommy e Betsy gostavam de imaginar os bolos e biscoitos que comeriam na época da colheita. Fazia muito tempo que nem sequer haviam

provado um naco de pão de trigo. Estavam tão enjoados da farinha de milho, que às vezes preferiam ir dormir com fome, só para não ter que comê-la.

Tommy tinha orgulho das casas que ajudava a construir. Na realidade, eram cabanas de troncos ajustados um sobre o outro. Seu trabalho era vedar as frestas com capim e barro. Foi um dia de felicidade quando Tommy e Betsy, juntamente com os pais, se mudaram para uma delas. Era um cômodo amplo, tendo uma lareira num dos lados. O pai fez uma mesa e alguns bancos para o centro, e no outro canto, colocou tosca armação à guisa de cama. Betsy e sua mãe fizeram um enxergão elástico, encordoan-

Um Novo Lar



do o estrado nos dois sentidos, até obter uma trama bastante fechada.

— Isto vai deixar a cama macia e gostosa, — disse Betsy, ao sentar no estrado.

— Vai ser bem melhor do que dormir sobre tábuas duras, — comentou Tommy, lembrando-se de sua cama no carroção.

Quando tudo estava em seu devido lugar, Betsy deu uma olhadela na nova casa. Um bolo de carne assava na lareira de chamas crepitantes, e a mesa, posta para o jantar, ostentava uma toalha limpinha.

— É um bonito lar, — comentou. — Só espero que possamos ficar bastante tempo.

Mas Tommy e Betsy puderam aproveitar a nova cabana somente umas três semanas. No dia primeiro de junho, o pai disse-lhes:

— Amanhã cedo temos que partir para Council Bluffs. O Presidente Young quer que a

gente construa cabanas e inicie plantações como fizemos aqui.

As crianças mostraram-se tristes, por isso sua mãe procurou consolá-las, dizendo:

— Na verdade, não importa onde vivamos, desde que possamos ficar juntos. Lar não é o local onde se vive, mas o amor que as pessoas sentem uma pela outra. O importante agora é mostrarmos ao Pai Celestial o quanto o amamos, fazendo aquilo que ele quer, não é?

Na manhã seguinte, depois de tudo empacotado e a família pronta para partir, sentaram-se para sua última refeição naquele local. Subitamente, ouviram-se ruídos de carroças — de muitas delas.

— Deve ser uma caravana que se vem reunir a nós, — falou o pai. E, em lugar de comer, todos correram para fora, a fim de cumprimentar os recém-chegados.

Tommy logo viu alguns amigos num dos carroções, e gritou:

— Hei, Eliza, Elias!

Os dois garotos voltaram-se e, gritando de alegria, pularam do carro e saíram correndo em direção de Tommy e Betsy.

O pai deles convidou os dois e o resto da família para compartilharem a refeição. A cama foi arrumada, para que a mãe de Eliza e Elias pudesse deitar-se e descansar. Betsy estava contente por terem feito aquele estrado de corda, tornando a cama mais confortável.

Naquela noite, antes de se acomodar no fundo do carroção, Tommy falou:

— Estou contente que Eliza e Elias tenham ido morar na nossa casa.

— Eu também, — concordou Betsy. — É bom que tenham encontrado uma casa tão gostosa para morar.

Normas e Procedimentos

ENCARREGADO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA MISSÃO. As missões de tempo integral da Igreja geralmente contam com encarregados de relações públicas, para cuidar dos contatos com a imprensa e outros veículos de divulgação. Sempre que possível, os presidentes de missão devem utilizar os serviços de membros locais para este fim.

BÊNÇÃOS PATRIARCAIS. Os membros de uma estaca cujo patriarca tenha falecido, esteja incapacitado ou afastado da estaca por longo período, poderão, com a competente recomendação do seu bispo e presidente da estaca, receber bênçãos patriarcais do patriarca de uma estaca próxima para o qual foram recomendados. Nesse caso, a pessoa deve ir receber a bênção na estaca do patriarca. Este não deve sair de sua estaca para dar bênçãos em outra área que não a sua. Esse procedimento poderá ser adotado até que os membros da estaca disponham novamente do serviço de um patriarca, seja por nova designação, recuperação ou retorno do antigo patriarca.

ESCOLAS DA IGREJA NO MÉXICO. Segundo dados fornecidos por George L. Turley, administrador das escolas da Igreja no México, o número de matrículas naquelas instituições de ensino chegou a 7.615 neste ano. Atendendo à legislação mexicana, as escolas estão incorporadas sob o nome de **Sociedad Educativa y Cultural S.A.** A maior das escolas da Igreja no México é o **Centro Escolar "Benemerito de las Americas"**, localizado no setor noroeste do Distrito Federal, perto da Cidade do México. O número de alunos é de 2.000, com a possibilidade de atingir 4.500, à medida que as instalações forem ampliadas.

REFRIGERANTES À BASE DE "COLA" E A PALAVRA DE SABEDORIA. A Palavra de Sabedoria, seção 89 de Doutrina e Convênios, continua obedecendo aos termos e especificações encontrados na referida seção. Não existe outra interpretação oficial da Palavra de Sabedoria, se não a dada pelos Irmãos nos primórdios da Igreja, quando foi declarado que "bebidas quentes" significam chá e café.

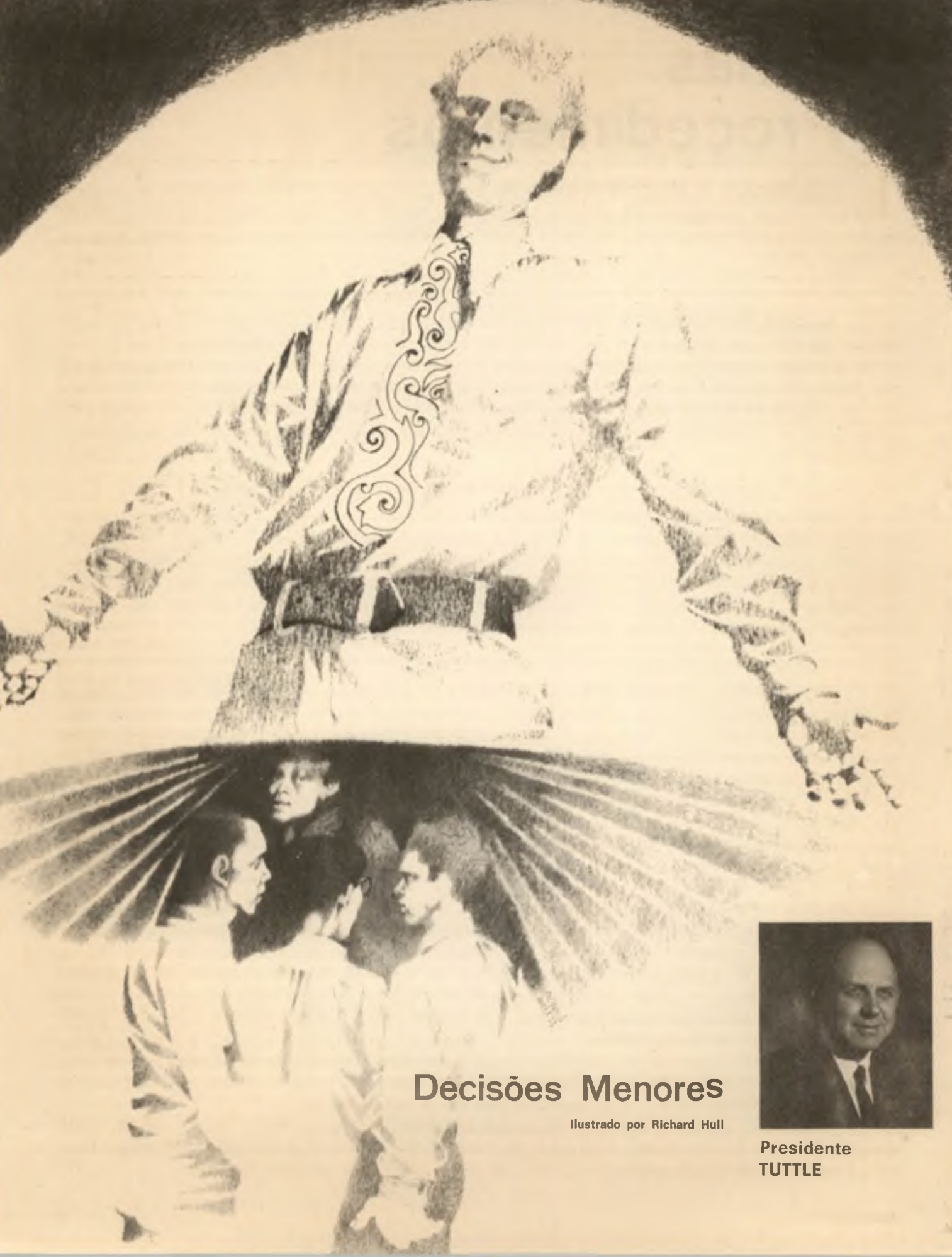
A Igreja jamais tomou posição oficial com referência aos refrigerantes à base de "cola", embora os líderes da Igreja tenham advertido, e agora o fazem explicitamente, contra a ingestão de qualquer bebida que contenha ingredientes prejudiciais e criadores de hábitos em circunstâncias que resultem na aquisição deste. Qualquer refrigerante que contenha ingredientes prejudiciais ao organismo deve ser evitado.

NOITES DE SEGUNDA-FEIRA RESERVADAS PARA A FAMÍLIA, NÃO PARA ATIVIDADES NA IGREJA. Anunciando que a reunião familiar deveria ser feita nas noites de segunda-feira, o **Boletim do Sacerdócio** de setembro de 1970, estipulava o seguinte:

Os responsáveis pelos programas do Sacerdócio e das auxiliares, inclusive atividades do templo, atléticas, estudantis etc., devem tomar ciência desta decisão, a fim de que as noites de segunda-feira sejam respeitadas uniformemente em toda a Igreja, e as famílias fiquem livres de qualquer atividade, a fim de que realizem sua reunião familiar.

Algumas pessoas acharam que outras reuniões, tal como as chamadas reuniões familiares de ala ou ramo, poderiam ser realizadas nas noites de segunda-feira, desde que fossem em nome do mesmo programa. Embora meritórias, tais atividades devem ser programadas para outros dias da semana.

Quando aconselhável, grupos de pessoas solteiras podem congregarem-se para a reunião familiar, desde que sob a direção do bispo ou presidente do ramo. Famílias relacionadas também podem realizar uma reunião familiar em conjunto, caso for conveniente.



Decisões Menores

Ilustrado por Richard Hull



Presidente
TUTTLE

Embora isso possa surpreendê-los, acho que não existem decisões importantes na vida. O que há é apenas uma enfiada de decisões menores que, agregadas, tornam-nos aquilo que somos.

Por que afirmo isto? Eis uma razão: Conheci um rapaz obrigado a enfrentar uma decisão inesperada e desafiante. Aconteceu no fim do verão do ano em que completou quinze anos. Ele acabava de voltar para casa, após ter trabalhado o verão inteiro na fazenda do tio, situada em outra região do estado.

Era a primeira reunião sacramental a que comparecia depois da volta. Por algum motivo, ele ficou retido por uns instantes após o término da reunião. Saindo, encontrou os amigos agrupados bem do lado de fora da capela. Ao aproximar-se, notou que acabavam de combinar alguma coisa, e logo foi recebido com uma pergunta aparentemente inocente:

— E você, vai ou não entrar nessa?

— Entrar no quê?

— Em meio galão de cerveja.

A resposta deixou-o realmente chocado. Ele simplesmente não estava preparado. Seus amigos tinham sido um grupo direito, e aquilo tudo estava completamente fora de propósito, pensou. Mas as coisas já não eram como lembrava delas. Passando o verão inteiro longe dos colegas, ele continuava sendo mais ou menos o que fora antes. Mas alguma coisa havia acontecido para modificar os companheiros. Pareciam mais adultos e "experientes". A surpresa o fez hesitar, antes de responder. É estranho como quantas coisas nos podem passar pela mente num lampejo: aqueles eram seus amigos, e não inimigos. Ele os conhecia bem, um por um. Havia sido companheiros nas classes da Primária e Escola Dominical. Cantaram os mesmos hinos e alguns tinham sido ordenados diáconos no mesmo domingo que ele. Junto tinham distribuído o sacramento, vezes sem conta. As atividades escolares haviam nos aproximados. Alguns deles costumavam construir aviões de brinquedo ou brincar com ele. Juntos, haviam excursionado, trabalhado e se divertido. Por que esta simples pergunta tinha que ameaçar uma ligação tão especial?

As pressões de amigos e conhecidos da nossa mesma idade têm um poder tremendo! É aquele anseio de ser "um" com os amigos. Além disso, quem quer ser tido como maricas, com medo de topa a brincadeira? E ainda mais, se não os acompanhasse, seria um único contra todos.

Mas, ainda com todos esses pensamentos fervilhando na cabeça, outra idéia mostrou-se mais forte em sua mente. Havia uma razão destacando-se contra todo o resto aparentemente tão sedutor: **Não é direito.** E lá de alguma parte dentro dele, brotou a coragem para dizer:

— Não, muito obrigado, mas prefiro não ir.

O grupo voltou-se e foi atravessando a rua em direção à cervejaria, disposto a concretizar o plano. Meu amiguinho ficou ali de pé — solitário. Por certo, não pensou na afirmação do Senhor — "Não é bom que o homem esteja só" — mas, sem dúvida, compreendeu o sentido de forma nova e pessoal. Nos dias que se seguiram, chegou a entender a verdade daquelas palavras e por que todos precisamos de amigos sinceros e leais que crêem e vivem como devem.

Embora já tendo quinze anos — perto dos dezesseis — a caminho de casa, não conseguiu reprimir algumas lágrimas. Sua mãe, pressentindo que algo não ia bem, indagou:

— O que houve?

Ele então desabafou, contando-lhe o incidente.

— Você agiu certo, filho, — ela assegurou-lhe.

— Gostaria de possuir a mesma certeza da senhora, — respondeu o rapaz.

— Você tomou a decisão certa, — repetiu a mãe, — você verá. Vai ser abençoado por causa dela.

Os dias subsequentes não foram particularmente felizes. Para reaver seu equilíbrio, houve necessidade de ajustamentos. Depois, seguiu-se o processo de fazer novas amizades. Surgiram os inevitáveis momentos penosos na escola, quando, ao aproximar-se, seu antigo grupinho caía em súbito mutismo. E momentos de solidão, indo da escola para o edifício adjacente de artes industriais. A antiga alegria espontânea e exuberância juvenil transformaram-se em bom-humor contido. Ocorreram também alguns incidentes óbvios durante os treinos de basquete, nos quais pedia o passe por estar colocado e livre, e era ostensivamente ignorado, enquanto procuravam outro jogador para passar a bola.

Mas tudo isso acabou passando, como sempre acontece. O tempo é um grande remédio. Ele obscurece os momentos tristes, serena a dor e cicatriza feridas.

Não demorou tanto assim para que fossem restabelecidas as antigas amizades, porém em bases diferentes. Em pouco mais de um ano foi eleito presidente do corpo discente do seminário. No ano seguinte, tornou-se um dos líderes no curso colegial. Dois anos depois, partiu em missão, o único da sua classe. Um dos colegas resolveu fazer missão um ano mais tarde, mas o resto dos amigos nunca foi.

Desde aí, esse moço tem cumprido muitos chamados de responsabilidades na Igreja. Sua integridade e padrões morais foram submetidos a mais provas durante a vida — como acontece na vida de todos nós. Mas poucas delas exerceram tamanha impressão na sua vida ou conservam tão viva lembrança.

Numa situação tão pouco dramática, ele escolheu o certo. E sua mãe tinha razão, como geralmente acontece. Sua promessa foi literalmente cumprida: "Você verá. Você será abençoado por isso."

O Incomparável Joseph Smith

Leon R. Hartshorn

O dia está quente — é 29 de junho de 1844.

Um barco se aproxima de uma curva em forma de ferradura do Rio Mississippi, onde aparece uma cidade. Um dos passageiros procura localizá-la no mapa, mas este, editado poucos anos antes, não indica tal cidade. Ao fazer indagações, é informado chamar-se Nauvoo e que haverá uma breve parada.



Presume-se tirado de um daguerreótipo original do Profeta Joseph Smith, feito em 1843, em Nauvoo.

Já no cais, o viajante fica curioso ao observar extensa fila de pessoas esperando para entrar numa ampla casa de frente para o rio. Disposto de tempo, ele informa ao capitão do barco que ficará em Nauvoo, talvez até o dia seguinte.

Chegando ao fim da fila, torna-se claro que são pessoas profundamente pesarosas. Mulheres, e muitos homens também, estão chorando.

— Desculpe-me, — diz ele, dirigindo-se a um da fila, — por que estão aqui?

O homem fita-o, assombrado.

— Quer dizer que o senhor não sabe?

— Sou um forasteiro. Acabo de chegar com o barco.

— Ahn, — replica o homem. — Estamos esperando para ver os corpos do General de Exército Joseph Smith e de seu irmão Hyrum, que foram mortos há dois dias.

— **General de Exército Smith?** — exclama o forasteiro, curiosamente.

— É sim, ele era general da Legião Nauvoo, um exército de cinco mil homens.

— Quantos mais foram mortos com eles? — pergunta o visitante.

— Nenhum. Provavelmente foi por isso que ele está morto. Acreditava que seus inimigos queriam somente a vida dele e que, se morresse, a sede de sangue seria saciada, sem que o resto de nós tivesse de perder a vida. Ele queria que seu irmão vivesse, mas Hyrum insistiu em ficar ao seu lado.

— Como começaram os distúrbios que culminaram na morte dele?

— Bem, o motivo oficial foi a destruição do prelo do **Nauvoo Expositor**, — explica o homem. — O jornal pertencia aos inimigos de Joseph, e nele

publicavam artigos e mentiras injuriosas e inflamantes, procurando incitar ódio contra Joseph Smith. Por isso, o conselho municipal e o prefeito, Joseph Smith, emitiram uma ordem de fechamento contra o jornal.

— Quer dizer, então, que Joseph Smith era também o **prefeito** desta cidade?

— Era, sim.

— Esta cidade deve ser muito nova, não é? — comenta o estranho. — Ela nem aparece no meu mapa!

— É, bem nova. Há seis anos atrás, não havia nada, além de brejo por aqui.

Balançando a cabeça, incrédulo, o forasteiro comenta:

— É uma bela cidade. Vindo pelo rio, notei que as plantações e os currais estão situados fora da cidade.

— Foi assim que Joseph Smith a planejou.

— Joseph foi quem planejou a cidade?

— Sim, de forma que o povo, na maioria agricultores, pudesse gozar as vantagens da vida urbana — para facilitar o convívio social e pudéssemos aprender uns dos outros.

O forasteiro então passa a comentar a largura e o traçado reto das ruas, as casas bem construídas, e indaga da finalidade daquele grande edifício em construção. O homem informa que é o templo projetado por Joseph para ser o marco dominante da cidade.

— Joseph Smith **projetou o templo!** — exclama o estranho e então lembra: — Mas o senhor estava me contando o que o levou à morte.

— Ah, sim, o incidente do **Expositor**, — diz o homem. — Na verdade, a coisa começou há muito tempo,

mesmo antes de Joseph traduzir os antigos anais.

— Ele era um **tradutor?** — repete o forasteiro. — Mas, o que aconteceu àquela tradução dos antigos registros?

— Ela foi publicada. Chama-se o Livro de Mórmon.

— Ele publicou mais livros? — pergunta o estranho.

— Ó, sim, como presidente da Igreja...

— **Presidente da Igreja?!** — exclama o forasteiro.

— Sim, presidente d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quase todos aqui em Nauvoo são membros da Igreja. Como presidente dela, ele publicou o Doutrina e Convênios e...

— Que livro é esse? — pergunta o forasteiro, assombrado.

— É uma compilação das revelações recebidas pelo Profeta Joseph Smith...

— O **Profeta Joseph Smith!**

— É sim. Deus, o Pai, e seu Filho ressurrecto, Jesus Cristo, apareceram-lhe e falaram com ele, quando era ainda adolescente. De fato, depois que Joseph, exultante de alegria e entusiasmo, contou aos vizinhos que tivera uma visão, foi que começaram a persegui-lo. Não somente Joseph, mas todos os seus adeptos eram perseguidos. Veja, al-

Quando Joseph Smith trouxe as placas do Monte Cumora, Hyrum deu-lhe esta caixa para guardá-las. A caixa pertencia a seu irmão Alvin, cujo nome, gravado na tampa, é claramente visível.



gumas das pessoas que o senhor vê aqui já foram expulsas de seus lares em Nova York, Ohio e Missouri. No Missouri, nenhum de nós recebeu qualquer indenização pelo que perdeu. Joseph tentou obter alguma compensação, mas nada conseguiu. Este foi o motivo principal que o fez candidatar-se à presidência dos Estados Unidos.

— **Candidato à presidência dos Estados Unidos!** — exclama, aturdido, o forasteiro.

O homem continua:

— Foi quatro dias atrás que Joseph se despediu relutante da família, estendeu um olhar nostálgico ao templo e depois ao seu sítio, e disse: "Este é o lugar mais encantador e o melhor povo debaixo dos céus". Partiu então para Carthage, sede do condado, a fim de entregar-se aos inimigos. Ele declarou: "Eu vou co-

A cadeira de balanço apreciada pelo Profeta.



mo o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão." Haviam-lhe prometido proteção e um julgamento justo, mas dois dias atrás, vinte e sete de junho, uma turba de mais de cem homens de rostos pintados de preto assaltaram a prisão. Poucos momentos depois, Joseph e Hyrum estavam mortos.

— Que idade tinha ele? — indaga o forasteiro.

— Trinta e oito anos.

O estranho olha incrédulo e fala de si para si: "General de exército, tradutor, escritor, prefeito, profeta, presidente da Igreja, urbanista, arquiteto, candidato presidencial — que espécie de homem era esse Joseph Smith?"

Esta cena, naturalmente, é ficção, mas não é nada improvável que muita gente tenha pensado tais coisas a respeito de Joseph Smith. Em cumprimento à profecia recebida de Morôni, aos dezessete anos de idade, o nome de Joseph Smith tem sido "conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, famílias e línguas, ou... citado por bem ou por mal entre todos os povos". (Joseph Smith 2:33)

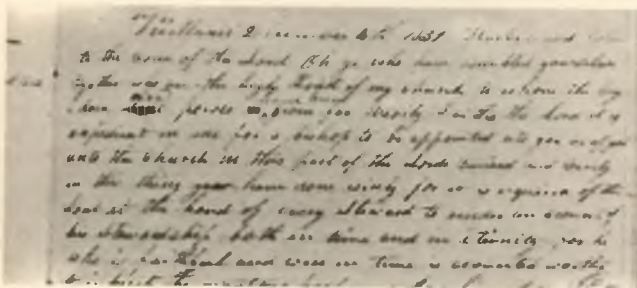
Este retrato consta ter sido pintado de um daguerreótipo de Joseph Smith.



Pistola de propriedade do Profeta.



Manuscrito original de Joseph Smith, da seção 72 de Doutrina e Convênios.



Fivela do cinturão da farda da Legião de Nauvoo pertencente ao Profeta.

Exemplar da primeira edição do Livro de Mórmon.



Há poucos lugares no mundo civilizado nos quais o povo nunca ouviu falar dos mórmons e, por associação, de Joseph Smith. Há 4.000 anos atrás, já o famoso José que foi vendido ao Egito, dizia: "E seu nome será igual ao meu, e será também chamado pelo nome de seu pai. E ele será semelhante a mim; porque aquilo que o Senhor fizer através de sua mão, pelo poder do Senhor, guiará meu povo à salvação." (2 Néfi 3:15)

De fato, existem mais profecias bíblicas predizendo a obra que seria iniciada por Joseph Smith nos últimos dias, do que sobre qualquer outro assunto em particular, excetuando-se as numerosas profecias referentes ao Senhor e Salvador Jesus Cristo e seu sacrifício expiatório.

Depois da morte de Joseph Smith, o Senhor fez registrar e incluir como Escritura a seguinte idéia: "Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção só de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo, do que qualquer outro homem que jamais viveu nele." (D&C 135:3)

São raros os que não tenham lido ou ouvido falar a respeito de Joseph Smith Jr. Sua vida, incidentes, citações de pessoas que o conheceram — toda espécie concebível de fatos têm sido consistentemente vasculhados há bem mais de um século, com carinho e interesse pelos santos dos últimos dias.

Assim, pois, o leitor SUD comum já deve conhecer a maior parte dos

detalhes registrados a respeito da Primeira Visão; das placas de ouro e sua tradução; da vinda de João Batista, Pedro, Tiago e João para restaurar o Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque; e das visitas verídicas de muitos outros conhecidos personagens do passado — Adão, Noé, Moisés, Elias, Eliaías e outros. Sabe das centenas de revelações recebidas — referentes ao Livro de Moisés e ao Livro de Abraão; a respeito das muitas doutrinas da Igreja; sobre a grande e complexa organização que Joseph estabeleceu para o Salvador — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; a respeito das ordenanças de salvação da Igreja, desde o batismo aos trabalhos do templo; e referentes a milhares de outros fatos e tópicos, histórias e acontecimentos históricos e esboços.

Onde então encontrar algo de novo? E não apenas inédito, mas interessante e digno de ser reproduzido aqui? Penso que temos alguma coisa. Ainda que muitos estudiosos e outros tenham coletado numerosos fatos e histórias, continuam surgindo outras facetas, à medida que novas pessoas examinam os documentos.

Recorrendo à **Documentary History of the Church**, de seis volumes, procuramos as passagens em que tecia comentários sobre a família, de seus cuidados e carinho para com ela.

Seguem algumas passagens colhidas ao acaso na obra mencionada. Não importa o quanto alguém saiba ou tenha meditado sobre Joseph Smith, achamos que elas ilustrarão de maneira nova uma coisa realmente importante na vida — como tratar aqueles com quem convivemos.

Sobre Emma, sua esposa:

— "...com que deleite indescritível, e que transportes de alegria fizeram meu peito dilatar-se, quando tomei pela mão... minha querida Emma — ela que era minha esposa, mesmo a esposa de minha juventude e a eleita do meu coração. Várias (coisas) reverberaram pela minha mente, ao contemplar por um momento as muitas cenas pelas quais tivemos que passar, as fadigas e labutas, as dores e sofrimentos, e as

alegrias e consolações que, de tempos em tempos, haviam juncado nossos caminhos e corado nossa casa. Oh, que tropel de pensamentos encheram-me a mente naquele instante, ela novamente aqui, mesmo no sétimo trabalho (de parto) — impávida, firme, resoluta — sempre a mesma Emma afetuosa.” (5:107)

— “Levei Emma a visitar nosso sítio... passei o resto do dia em casa.” (5:207)

— “À noite, saí de carro com Emma.” (5:360)

— “Caminhei com Emma até o armazém...” (5:21)

— “Passei quase toda a manhã conversando com Emma sobre vários assuntos... ambos bem dispostos e alegres.” (5:92)

— “Fui até Willoughby, em companhia de minha mulher, para comprar algumas mercadorias...” (2:290)

— “Andei de trenó com Emma.” (6:170)

— “Depois da reunião, saí com Emma para um passeio. As árvores estão começando a brotar.” (6:279)

— “À tarde, saí a passear com Emma... Os pessegueiros estão uma beleza.” (6:326)

No outono de 1842, Emma adoeceu gravemente. Algumas anotações avulsas:

— “Hoje, Emma caiu doente com febre; por isso fiquei em casa com ela o dia todo.” (5:166)

— “Emma não melhorou. Fiquei com ela o dia inteiro.” (5:166)

— “Emma passou um pouco melhor. Estive com ela o dia todo.” (5:167)



Cédula da casa bancária
Kirtland Safety Society
(Sociedade de Segurança de Kirtland),
com a assinatura do Profeta.

— “Emma está novamente muito doente. Cuidei dela o dia inteiro, eu mesmo não me sentindo muito bem.” (5:167)

— “Minha querida Emma esteve pior... eu estive indisposto e muito preocupado por causa da doença de Emma.” (5:167-8)

— “Emma está um pouco melhor. Sinto-me alegre e bem.” (5:169)

— “...Emma recuperando-se lentamente.” (5:169)

— “Fui de carro com Emma até o templo, para o benefício de sua saúde. Ela se recupera rapidamente.” (5:182)

— “Levei Emma de carro ao templo.” (5:183)

Sobre os filhos. Ele e Emma tiveram seis filhos que faleceram na infância — cinco próprios e um adotado. Tiveram cinco filhos que atingiram a idade adulta — cinco rapazes seus e uma filha adotada. Emma deu à luz sua última criança cinco meses após a morte do Profeta.

— “Fui com as crianças de carro até o sítio, não voltando antes do anoitecer.” (5:182)

— “Depois do jantar dei um passeio com minha mulher e filhos.” (2:297-8)

— “De manhã, levei as crianças a passear de carro.” (5:369)

A mãe do Profeta costumava chamar o marido e filhos do campo, fazendo soar esta sineta.

— “Deleitei-me em casa com a família, o dia todo...” (2:345)

— “Fiquei em casa, divertindo-me muito com minha família.” (2:45)

— “Passei a noite ao lado da lareira, ensinando gramática à família.” (5:307)

— “As quatro da tarde, saí com meu pequeno Frederick, a fim de exercitar-me deslizando no gelo.” (5:265)

Sobre o pai, quando ele adoeceu:

— “Fui visitar meu pai, encontrei-o muito abatido...” (2:288)

— “Em casa. Cuidei de meu pai com grande apreensão.” (2:289)

— “Em casa. Assisti meu pai.” (2:289)

— “Visitei meu pai que já se recobrou bastante de sua doença...” (2:290)

Sobre a mãe:

— “Mamãe veio morar na minha casa.” (5:271)

— “Em casa o dia inteiro. Minha mãe estava doente, com inflamação dos pulmões, e fiquei cuidando dela...” (5:290)

— “Saí de carro com mamãe e outros, a bem da sua saúde.” (6:65)

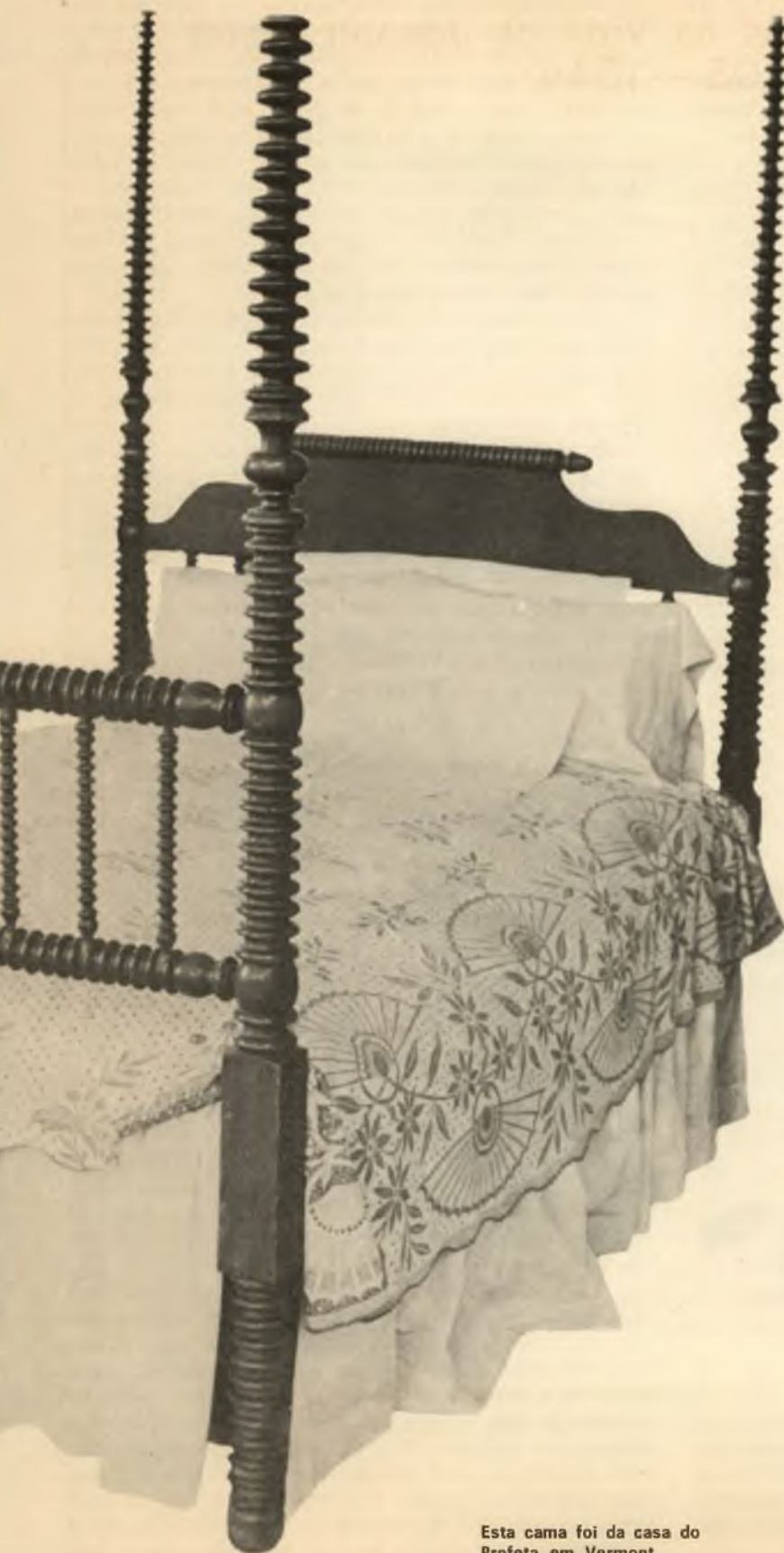
— “Fiquei em casa o dia todo, para cuidar de minha mãe que continua doente.” (5:298)

Expressões de afeto para com seus irmãos:

— Hyrum: “...Quero-lhe com aquele amor que é mais forte que a morte, pois nunca tive ocasião de repreendê-lo, nem ele a mim...” (2:338)

Marcos Importantes na Vida de Joseph Smith (1805 — 1844)

Dez., 23	Idade	
1805	—	Nascimento em Sharon, Vermont.
1813	7	Perna em perigo de amputação; salva por extensa cirurgia, com remoção de partes do osso; demonstra excepcional coragem e ternura, qualidades que o caracterizarão durante toda a vida.
1820	14	Vê e fala com Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo.
1823	17	Visitado pelo Anjo Morôni; informado da existência dos anais nefitas.
1827	21	Desposa Emma Hale; recebe custódia das placas de ouro; inicia a tradução.
1829	23	Recebe o Sacerdócio Aarônico de João Batista, e o Sacerdócio de Melquisedeque de Pedro, Tiago e João.
1830	24	Publica o Livro de Mórmon; organiza a Igreja.
1831	25	Transfere-se para Kirtland, Ohio; dedica lote do templo em Independence, Missouri.
1832	26	Apoiado presidente do Sumo Sacerdócio.
1833	27	Organiza a Primeira Presidência; continua recebendo muitas revelações, uma delas a Palavra de Sabedoria.
1834	28	Marcha com o Acampamento de Sião, de Ohio ao Missouri; depende grande esforço no estabelecimento de santos em ambas as áreas.
1835	29	Ordenação dos Doze Apóstolos e dos Setenta; Doutrina e Convênios aceito pelos santos.
1836	30	Dedica o Templo de Kirtland; visita de Jesus, Moisés, Eliaías e Elias.
1838	32	Transfere-se para o Missouri; aprisionado na cadeia de Liberty.
1839	33	Dirige a Igreja, confinado na cadeia de Liberty; inicia a construção de Nauvoo.
1841	35	Conclama os santos a se reunirem em Nauvoo; planeja agência de imigração, a fim de trazer santos europeus aos Estados Unidos.
1842	36	Publica o Livro de Abraão; profetiza a eventual transferência dos santos para as Montanhas Rochosas.
1843	37	Pressões anti-mórmons e mandados judiciais provocam muita publicidade; registra revelação a respeito do casamento para a eternidade.
Junho, 27		
1844	38	Martirizado a tiros, juntamente com seu irmão Hyrum, na prisão de Carthage, por volta das cinco e quinze da madrugada.



Esta cama foi da casa do Profeta em Vermont.

Esta gravura representa o último discurso público do Profeta, na primavera de 1844.



Esta gravura de Joseph e Hyrum foi largamente divulgada na Europa e América.

— Alvin: "Lembro-me perfeitamente da dor aguda avolumando em meu peito de adolescente e quase despedaçando meu jovem coração, quando ele faleceu." (5:126)

— Don Carlos: "Ele era um filho encantador, afável, bondoso, virtuoso, fiel e íntegro; e para onde for sua alma, vá a minha também." (5:127)

Estas poucas anotações escolhidas ao acaso são o bastante, mais que suficientes para retratar Joseph Smith — homem amoroso, cheio de desvelo, homem preocupado com o próximo. Nunca estava por demais atarefado para atender alguém — neste caso, a sua família.

Anos mais tarde, Parley P. Pratt escreveu: "Foi com Joseph Smith que aprendi o prazer da relação afetiva entre pai e mãe, marido e mulher; entre irmão e irmã, filho e filha."

Todos nós temos uma família, com a qual convivemos ou que vive noutra parte qualquer. Tomem este exemplo de como Joseph Smith se desvelava com **todos** os seus familiares e experimentem imitá-lo este ano. Não existe mais nada que possa resultar em tanta felicidade para vocês — e sua família — como isto.

P & R

As respostas aqui publicadas destinam-se a proporcionar orientação e esclarecimento não devendo ser encaradas como pronunciamentos doutrinários da Igreja.



“O que quer dizer ‘Ama o teu próximo’?”

Esta, talvez, seja a pergunta mais importante que se pode fazer a respeito do Evangelho de Cristo. Jesus tornou esse conceito fundamental na vida religiosa (Mat. 22), e Paulo afirmou que, sem amor, tudo o mais seria vão. (I Cor. 13)

Somente um deus conhece o pleno significado do amor. Quanto a nós, cabe a esperança de progredir no entendimento e vivência deste princípio do Evangelho.

Não é fácil definir amor fraternal. Começemos pelo que ele não é, pois que existem muitos tipos de amor. O amor fraterno não é afeto romântico — aquela emoção intensa, apaixonante que se pode sentir por alguém do sexo oposto. O amor romântico tem muito a ver com nossa natureza biológica e, ainda que sentido como emoção ideal e sublime, não é amor fraterno. A não ser que esteja amparado por outros tipos de afeto, o amor romântico tende a ser instável, caprichoso, egoísta, possessivo, ciumento e repleto de cobiça. Em contraste, o amor cristão, segundo diz Paulo, “não é invejoso” e “não busca o que é seu”.

Amor fraternal não é sinônimo de amizade, embora possa ser parte dela. Os amigos gostam um do outro, deleitam-se no mútuo companheirismo, são confidentes, leais, confiantes e têm muitos interesses comuns. A amizade é recíproca.

O amor fraternal é mais abnegado do que o romântico ou a amizade. O possuidor de amor cristão sente profundo cuidado com o bem-estar alheio, perde sua vida no interesse dos outros. Sua vida centraliza-se no **alter ego**, isto é, no outro eu. Não importa que a outra pessoa — o ser amado — aprecie ou corresponda ao afeto demonstrado, porque o amor fraternal basta a si mesmo. Reside absolutamente na pessoa que ama, e, ao contrário do amor romântico e da amizade, independe de retribuição para manter-se vivo.

A prova real para se determinar se temos ou não amor cristão, foi-nos dada por Jesus, quando falou e exemplificou: “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem,” (Mateus 5:44)

O amor fraterno, diferentemente dos outros dois tipos, é imparcial e, por conseguinte, universal. Aquele que possui tal amor importa-se com todo e qualquer homem, seja pecador ou santo, atraente ou repulsivo, indiferente a raça ou credo. Na verdade, aquele que é seletivo quanto a quem ama, provavelmente não sente amor fraternal por homem algum.

O amor fraternal é essencialmente sentimental, uma emoção, como todos os tipos de amor. Contudo, possui também um componente intelectual. Desejar e fazer o bem a alguém antagônico ou repulsivo exige reflexão e auto-disciplina. Por isso, creio eu, o amor fraternal precisa ser aprendido e re-aprendido. Ele não nasce espontaneamente como o amor romântico costuma fazer. É por esta razão, também, que é o mais estável e duradouro de todos os afetos.

As pessoas erram quando pensam que, ao amar alguém, devem fazer tudo o que este quer. Certos pais têm medo de dizer não ou mostrar firmeza. As pessoas, especialmente os jovens, cedem diante de colegas e associados, embora sabendo ser errado, por medo de ofender ou não mostrar-se amoroso. Amor fraterno é consistente com justiça, com firmeza, mesmo com censura, quando se está agindo no interesse alheio. Algumas de minhas melhores experiências com o amor ocorreram quando tive a coragem de ser firme com algum estudante, ajudando-o a encarar honestamente a rea-

lidade.

Na linguagem do filósofo Kant, amor fraternal significa tratar as pessoas como um fim, nunca como meios para os nossos próprios fins egocêntricos. Isto quer dizer que, seja nos negócios, vida social, casamento, escola ou trabalho, as pessoas não devem ser usadas e abusadas como função, como sendo puramente instrumentos para nossos próprios fins, mas que tratemo-las como "gente" e no seu interesse — enfim, que pratiquemos a Regra de Ouro.

"Ama teu próximo continua sendo uma lei fundamental do Evangelho e da existência humana. A medida que os avanços tecnológicos aproximam os povos, é imperativo que os homens também progridam no amor ao próximo. Se não o fizerem, a vida neste planeta tornar-se-á cada vez mais difícil.

Lowell L. Bennion
Reitor assistente
Universidade de Utah

2

"Um amigo meu afirma que na Bíblia não há nenhuma evidência conclusiva, favorável ou contrária à preexistência. Seria possível esclarecer-me esta questão?"



Vou contar-lhe o que a Bíblia diz sobre o assunto e, então, poderá decidir se a evidência é conclusiva.

1. **Jesus teve uma existência pré-mortal.** João, o apóstolo, que se refere a Cristo como o Verbo que se fez carne (João 1:14), inicia o livro que leva seu nome, testificando: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." (João 1:1) Ou, em outras palavras — no princípio era Cristo, e Cristo esta-

va com Deus, e o próprio Cristo também era um Deus. Entretanto, neste momento, o importante para nós é simplesmente que "no princípio" era Cristo.

O Apóstolo Paulo também declara que, nos dias de Moisés — mais de doze séculos antes de Jesus nascer — os filhos de Israel "bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo". (1 Cor. 10.4)

Não fossem bastantes estas evidências bíblicas para provar a existência pré-mortal do Salvador, note-se a declaração feita pelo próprio Jesus, na noite precedente à sua crucificação quando talvez saudoso da glória de sua existência anterior, orou: "E agora glorifícame tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." (João 17:5)

Com isso, vemos que Jesus existia muito antes de sua vinda à mortalidade. Vejamos agora se a Bíblia ensina que também outras pessoas, não só Cristo, tiveram vida espiritual anterior.

2. **Jeremias teve existência pré-mortal.** Por revelação, o Profeta Jeremias soube alguma coisa sobre a pre-existência da sua própria alma. Falando-lhe o Senhor disse: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta." (Jer. 1:5)

Portanto, visto que, segundo esta passagem, o Senhor **conhecia** Jeremias antes de ele nascer e **santificou** Jeremias antes de ele nascer e **ordenou** Jeremias antes de ele nascer, está claro que Jeremias forçosamente existia antes de nascer na terra.

3. **Jó teve existência pré-mortal.** Certa ocasião, o Senhor perguntou a Jó: "Onde estavas tu quando eu fundava a terra? Faze-mo saber se tens inteligência.

"Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38:4,7)

Pois bem, embora o Senhor não tenha dito a Jó onde ele estava antes de serem lançados os fundamentos da terra, a pergunta em si implica que Jó existia em alguma parte — e não apenas Jó, mas "todos os filhos de Deus". E quando nos lembramos de que somos filhos de Deus ("geração de Deus" como diz Paulo, em Atos 17:29), não podemos deixar de concluir que existíamos juntamente com Jó (e Jeremias e o Senhor Jesus Cristo) antes da criação da terra.

4. **Jesus de modo algum procurou corrigir seus apóstolos, quando estes exprimiram sua crença na existência pré-mortal do homem.** Esta conclusão se baseia num incidente narrado em João, cap. 9. Referindo-se ao homem cego, os apóstolos perguntaram-lhe: "Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (João 9:2) Note que não perguntaram simplesmente se os pais do cego haviam pecado antes de seu nascimento, mas se ele próprio havia pecado antes de vir ao mundo. A pergunta mostra claramente que acreditavam não só que o homem havia existido antes de nascer, mas também que era capaz de pecar naquela existência.

Jesus explicou (vers. 3) que nem ele nem seus pais haviam pecado, porém o que realmente importa é o fato de que não fez tentativa alguma de contestar, corrigir ou alterar a pressuposição básica da existência pré-mortal daquele homem.

5. Certas passagens bíblicas só fazem sentido à luz da existência pré-mortal do homem. Nós, santos dos últimos dias, compreendemos que, no transcurso da carreira espiritual pré-mortal do homem, um terço dos filhos de Deus se rebelaram e seguiram Satanás. (Ver. D&C 29:36-38; Moisés 4:1-4; Abraão 3:22-28). Este entendimento dá sentido a numerosas passagens bíblicas referentes à expulsão de certos seres desobedientes da esfera celeste. Consideremos, por exemplo, II Pedro 2-4, Judas 1-6 e Apocalipse 12:7-9.

Embora não possa determinar se seu amigo considera as diversas passagens mencionadas como “evidência conclusiva” da existência pré-mortal do homem, estou confiante em que, se ele estiver sendo sincero em buscar a verdade divina, as Escrituras lhe oferecerão evidência suficiente para provocar uma investigação séria e piedosa das doutrinas e asserções d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Eldin Ricks
Professor-assistente de instrução religiosa
Universidade de Brigham Young

3

“É a educação religiosa mais importante que a acadêmica?”



Esta é sem dúvida, uma questão atualíssima para a juventude de hoje. Com referência aos nossos dias, foi mostrado a Daniel que “muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará”. (Daniel 12:4)

Falando a Timóteo, Paulo disse: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.” (II Tim. 2:15), e ainda mais:

“Sabe, porém, isto: que nos últimos dias... haverá homens... que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.” (II Tim. 3:1, 2, 7)

Em nossa época, tem-se dado grande ênfase à obtenção de conhecimento, a bem do próprio conhecimento. O autor de um editorial escreveu:

“O conhecimento deixou de ser coisa à parte da vida; conhecimento e educação, ainda que continuem sendo um fim na vida para alguns especialistas, passaram a

ser hoje em dia meios para um fim, que é o entendimento melhorado das coisas da vida.” (Fortune, Novembro de 1964)

Diz o Presidente Joseph Fielding Smith: “Conhecimento é obtido tanto pela razão como por revelação. Espera-se que estudemos e aprendamos tudo o que for possível através da pesquisa e análise. Mas existem limites à nossa capacidade de aprendizagem no campo do raciocínio e estudo. As coisas de Deus só podem ser conhecidas pelo Espírito de Deus.”

O Senhor aconselha-nos que aprendamos o máximo possível a respeito das “coisas dos céus como da terra e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão; coisas daqui, e de além-mar; quanto às guerras e perplexidades das nações, e quanto aos julgamentos que estão sobre a terra; e um conhecimento também de nações e reinos —” (D&C 88:79)

Logo, somos obrigados a concluir que, se quisermos seguir o conselho do Senhor, não podemos negligenciar os estudos acadêmicos.

Contudo, isto não significa que nos concentremos tão somente na instrução acadêmica. O Senhor estipulou que sejamos “instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do Evangelho, e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus.” (D&C 88:78)

Tampouco devemos acreditar que toda educação acadêmica é distinta e estranha à educação religiosa. Quanto maior o nosso conhecimento, desde que obtido sob a orientação do Espírito de Deus, tanto melhor conseguiremos entender os ensinamentos religiosos.

Jacó, o irmão de Néfi, advertiu: “Oh! A vaidade, fraqueza e insensatez dos homens! Quando são instruídos, pensam que são sábios e não ouvem os conselhos de Deus, pondo-os de lado, supondo que sabem por si mesmos; portanto sua sabedoria é insensatez e não lhes traz proveito. E eles perecerão. Mas é bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus.” (2 Néfi 9:28-29)

O conhecimento acadêmico obtido beneficiar-nos-á nos assuntos temporais, mas o conhecimento de verdades espirituais e eternas que obtivermos, prepara-nos para viver felizes nesta vida e por toda a eternidade no reino de Deus.

A meta final é ganharmos todo o conhecimento necessário para sermos semelhantes ao Pai Eterno. Mas avançar nesta direção somente será possível, se dedicarmos nossas energias e capacidade à busca do conhecimento de Deus e de suas leis, incorporando em nossa vida toda verdade eterna onde quer que se encontre.

J. Elliot Cameron
Representante regional do Conselho dos Doze
Reitor dos estudantes

4

“Como é determinado o local de trabalho dos missionários?”



"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças."

De acordo com esta norma, todo missionário é chamado por Deus através do presidente da Igreja. Foi assim que Aarão recebeu seu chamado. Moisés, o profeta do Senhor, transmitiu-lhe o chamado do Senhor.

Os fatores influentes na designação dos missionários são diversos, sendo o principal deles a inspiração recebida pelo Comitê Executivo Missionário, o qual examina cuidadosa e piedosamente todas as recomendações enviadas pelas estacas e missões. Ao emitir suas recomendações, esse comitê considera numerosos fatores: merecimento, idade, experiência, situação militar, condições domésticas e financeiras, saúde, conhecimentos linguísticos, desejos, cotas, limitações dos países, pedidos, nacionalidade, atitudes gerais e as necessidades das diversas missões. Após a devida avaliação de todos esses fatores, segue o sincero empenho de determinar onde a pessoa será capaz de prestar o melhor serviço; a inspiração do Senhor é procurada com a maior seriedade. Em seguida é **proposta uma designação**, sujeita a ser aprovada pelo presidente da Igreja, que então assina o chamado e o faz encaminhar ao eventual missionário.

Presidente Spencer W. Kimball
Presidente em exercício do Conselho dos Doze



"É-nos ensinado que a mulher deve apoiar o marido. Até que ponto ela deve segui-lo?"

O apoio entusiasta dado pela mulher SUD às ações do marido começa a fraquejar, quando ele procura conduzi-la por caminhos incompatíveis com os mandamentos de Deus. Porém, mesmo em tais circunstâncias, ela tem a obrigação de tentar persuadi-lo a seguir o rumo



certo. Havendo amor sincero entre o casal, ambos mostram-se dispostos a sacrifícios em prol do bem-estar e felicidade do outro. Abnegação, amor e bondade têm parte preponderante nesse sublime relacionamento pessoal.

O marido também tem a obrigação de apoiar e animar sua esposa. No Livro de Mórmon, Jacó mostrou-se alquebrado devido à iniquidade de certos maridos. O Senhor declarou que visitá-los-ia "com uma terrível maldição, e até mesmo a destruição", se não se emendassem. Assim pois, o dever de ser fiel e dar apoio ao parceiro conjugal recai sobre ambos, marido e mulher.

Entretanto, a casa do Senhor é uma casa de ordem. Ele decretou que o marido seja o chefe da casa, e a esposa sua conselheira. Se toda mulher conseguisse aceitar este papel e todo marido cumprisse seu dever de chefe de família com amor, gentileza e autoridade, grande parte das discórdias conjugais deixariam de existir.

O homem precisa sentir que conta com a plena confiança da mulher. Esta precisa fornecer-lhe apoio diário, fazendo com que o lar seja um refúgio tranquilo do conturbado mundo exterior. Ela deve dar sincero reconhecimento aos seus sucessos, propiciar-lhe atenção, ter uma palavra de incentivo quando ele estiver desanimado. Onde mais o homem poderia ser aceito tão plenamente como necessita, se não for em seu próprio lar?

No mundo atual, em que a mulher é envolvida em muitos projetos fora do lar, ela às vezes precisa ser lembrada de que não há nada mais importante do que seu relacionamento com o marido. O Senhor nos disse que ninguém poderá atingir sozinho o mais elevado grau do reino celestial. A exaltação e o progresso eterno são reservados aos casais que guardarem os mandamentos de Deus. Portanto, o amor precisa ser nutrido e protegido, para que cresça, tornando-se amor eterno.

Não existe maior felicidade terrena do que a conseguida no decorrer dos anos, à medida que se aprofunda o amor entre você e seu marido, e o vê magnificar o Sacerdócio, observa seus filhos atuantes na Igreja e espera por toda uma eternidade juntos.

Jelaire Simpson
Esposa do Bispo Robert L. Simpson
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

O Dia que Transformou Minha Vida

Wendell B. Johnson

Finalmente, acabaram-se os dias de tratamento intensivo, e fui transferido para outro quarto. Eu dispunha de tempo de sobra para refletir sobre a vida que costumava levar, conhecer a mim mesmo, e despojar-me de grande parte do falso orgulho que se insinuara em minha vida. A condição de total dependência fez-me compreender a importância de um corpo físico sadio. É estranho, mas sem as intromissões do corpo físico, torna-se mais fácil explorar e descobrir o nosso eu espiritual; e minha vida espiritual deixava muito a desejar até então.

Não sei, realmente, em que ponto um rapaz começa a tomar rumo errado. Minha infância não poderia ter sido mais feliz. Meu pai era um amante da natureza, procurando iniciar-nos nas maravilhas e apreciação da vida ao ar livre. Mamãe enriquecia nossa vida com sua graça e suas canções. Fui criado na Igreja, adorava as histórias do Evangelho e esperava ansiosamente tornar-me diácono. Lembro-me do dia em que fui batizado e a sensação na hora da ordenança.

Mas, por volta da época em que me tornei um mestre, juntei-me a uma turma de rapazes que sentavam no fundo da capela e que não mantinham o mínimo de reverência. Daí por diante, nunca mais apreciei realmente o Evangelho ou procurei estudar as Escrituras e obter um testemunho, e, sem o Evangelho nem motivação espiritual em sua vida, qualquer pessoa se voltará naturalmente para as coisas mundanas. Foram precisos um terrível acidente e mais três anos para conseguí-lo, mas finalmente fui capaz de desmistificar as tolices e falsidades que se tornaram parte da minha vida nos primeiros anos do curso colegial, e reconhecer o quanto são falsos e superficiais muitos desses valores.

Retorno, em pensamento, àquele maravilhoso dia de verão, de agosto de 1964. O sol madrugador fazia prever um dia quentíssimo, porém ideal para a faina agrícola. Era época da colheita do feno e da palha e eu estava trabalhando para um fazendeiro local na meseta de Mapleton, Utah.

Como havia sido um dia de trabalho bastante produtivo, além da tarde estar tão quente, decidimos ir nadar na nossa "piscina" favorita, lá em cima nas terras áridas da meseta, por onde passava um canal de irrigação. A força da água havia cavado um pequeno poço que há gerações vinha servindo de piscina para a rapaziada se divertir e refrescar, durante os quentes dias de julho e agosto.

Na pequena cidade de Mapleton, Utah, vive um moço de 23 anos, supervisor do quorum de sacerdotes, paraplégico desde um acidente de natação, em 1964. "Ele tornou-se um exemplo inspirador para a cidade inteira," afirma um conhecido seu, e isto da cadeira de rodas ou da cama, aos pés da qual se reúne o quorum que supervisiona para receber instrução: A história dele talvez consiga transformar também a sua vida

No lado do ocidente, o poço era limitado por um barranco de talvez três metros de altura. Ao chegar ao topo dele, naquela tarde de 1964, escuras nuvens de trovoadas vinham rolando lentamente em direção à metade, criando uma atmosfera de mau agouro.

Baixando o olhar para a água, senti-me tomado por um estranho arrepio. Sem dar tempo para indagações, tomei posição e lancei-me no que pretendia ser um mergulho raso; porém, por alguma razão misteriosa, à meia-altura, curvei-me e mergulhei verticalmente em direção ao estreito banco de argila que se estendia abaixo da superfície. Na ocasião, não pude perceber o banco, pois a água estava um tanto barrenta e, repentinamente, bati de cabeça contra ele com todo o peso do corpo.

O impacto, eu soube depois, bastou para fraturar minha coluna e lesar a medula espinal. Foram tantos e tão variados os pensamentos que se acumularam em minha mente, que não consigo mais descrevê-los, mas recordo de ter-me dado conta de que a vida da pessoa realmente passa diante de seus olhos naqueles instantes fugazes que parecem preceder o fim. Senti-me tomado de pânico, choque e confusão indescritíveis. Somente quem já passou por um desses momentos de apavorante inexorabilidade poderá entender.

Ao ser arrastado para o fundo pela correnteza, notei de repente que todas as sensações que sempre conheci, agora existiam apenas na memória. Do pescoço para baixo, meu corpo estava completamente paralisado. Era como se tivessem desligado um gigantesco interruptor de circuito, deixando meu corpo sem energia.

Sobreveio uma crescente percepção da gravidade de meu estado. Estava paralisado, sendo impelido para o fundo, incapaz de mover um único músculo para subir. Nessa idade, não sentimos medo da morte, nem de coisa alguma; achamos que a mocidade é para ser vivida. Mas, lá no fundo, fui despertado da ilusão de que, aos dezesseis anos, a vida é indestrutível. Tentar lutar sem resultado algum, tentar nadar — mover as pernas e os braços em movimentos naturais — e não lograr nenhuma reação, e estar totalmente isolado de qualquer sensação do corpo, fosse qual fosse, era quase que impossível de suportar. Eu sabia que estava a segundos da morte.

Entregue o corpo desamparadamente à força das correntes, a mente se me anuiu. Uma espécie de zunido — como que um sopro nos ouvidos — foi aumentando, aumentando para depois diminuir lentamente, e eu então resignei-me ao fato de que a morte estava muito próxima. Subitamente, fui sendo levado para a superfície! Tive uma vaga percepção da luz do dia e certa sensação de içamento, quando meus companheiros me puxaram da água. A urgência de uma tragada de ar fora tão intensa enquanto ainda debaixo da água, que é indescritível o alívio, quando os pulmões congestionados se embeberam de ar. Sete dos amigos desceram até a água, carregaram-me cuidadosamente para cima do dique, colocando-me estendido no meio da estrada de terra que passava ali perto.

Baixei os olhos para poder ver meu corpo. Embora estivesse ali, eu não o sentia. Aquilo não podia ser real. Com corpo e alma incrivelmente aturdidos, em meio às excruciantes emoções, eu esperava que tudo aquilo logo passasse. Mal sabia eu que, sob certos

aspectos, estava bem no início de um pesadelo sem fim.

A ambulância de Mapleton não podia considerar-se a melhor do mundo. Depois de me colocarem lá dentro, o motor não deu partida e tivemos que ser empurrados até fazê-lo pegar. Eu sempre detestara o som das sirenes gemendo as novas do infortúnio alheio. Esta, porém, anunciava a minha própria tragédia, conduzindo-me, contra minha vontade, a uma experiência que muito poucos encontrarão.

Os corredores foram ficando mais sombrios, à medida que rodavam a maca para a parte mais antiga do hospital. Vi uma placa sobre a porta que dizia: “Unidade de Tratamento Intensivo” e por todos os lados, eu ouvia os habituais ruídos hospitalares — o arfar de um aparelho de oxigênio, a cadência ritmada dos “marca-passos”, gente em crise lutando pela vida.

Os médicos fizeram radiografias e descobriram que minha medula espinal estava quase que totalmente seccionada, e a coluna fraturada entre a quinta e sexta vértebra cervical. Porém não me contaram então que eu nunca mais voltaria a andar. Sua preocupação imediata era manter-me vivo aquela noite. Fui transferido para uma armação especialmente construída para lesões vertebrais; depois de aplicarem anestesia local em dois pontos do crânio, abriram dois pequenos entalhes na camada externa do osso com uma broca, para fixar o aparelho de tração. Aquela seria a minha posição durante as treze semanas seguintes. Estava impedido de fazer qualquer movimento, exceto piscar os olhos, além de sentir a constante tração na nuca. Jamais em minha vida senti-me mais indefeso e desorientado.

Meu pai e meu avô puderam então colocar as mãos sobre minha cabeça, dando-me uma bênção, e foi a primeira vez na vida que senti realmente o poder do Sacerdócio. Meu coração foi tomado de um sentimento confortador e cálido, e vim a conhecer um novo valor — a esperança. Posso afirmar que a esperança é uma força real que consegue revigorar o espírito. Com esperança e o Espírito de Deus, pode-se vencer qualquer barreira que se atravessar no caminho.

Passado o tempo previsto, submeteram-me a uma intervenção cirúrgica para ligarem as vértebras fraturadas. Finalmente, com as incisões cicatrizadas, comecei a fisioterapia para ver o quanto de recuperação da função dos nervos motores se poderia esperar. A princípio, não houve reação alguma, e fiquei chocado ao ver como meus braços estavam mirrados. Toda a musculatura adquirida por meio do pesado trabalho no campo se fora — tínhamos que começar novamente da estaca zero.

Seguiram-se muitas, muitas sessões desalentadoras, infrutíferas. Então um dia, observando o terapeuta trabalhar no insignificante bíceps que restara, vi um leve espasmo! O primeiro sinal de vida no meu braço em quinze semanas! Começamos a trabalhar com esse espasmo, e, dentro de uma semana, tornou-se um espasmo de segunda potência. Esse pequeno progresso se tornou uma fonte de esperança. Creio honestamente que foi um resultado da administração pelo Sacerdócio, pois, pelo que aconteceu, eu deveria ficar totalmente paralisado pelo resto da vida.

Por gentileza do Governador do Estado e das autoridades militares da Base Aérea de Hill, fui removido

em avião de carga para o Centro Médico Stanford, de Palo Alto, Califórnia, para outras terapias. Na primeira noite, senti-me temeroso, pois achava que estaria só. Mas no dia seguinte, apareceu o bispo de uma das alas de lá, apresentou-se, disse-me que eu era bem-vindo na Califórnia e expressou seus bons votos de sucesso na minha recuperação.

Iniciamos o trabalho com vigorosa sessão de fisioterapia, concentrada primordialmente nos braços, pescoço e ombros. Eu ainda não tinha qualquer ação dos cotovelos para baixo, por isso usava um aparelho especial com dispositivo para prender uma colher. Comecei, procurando apanhar pedacinhos de argila e levar manteiga de amendoim à boca. Nunca pensei que fosse possível derramar manteiga de amendoim, porém comigo aconteceu uma porção de vezes. Eu encontrava tudo, menos minha boca, e quando tentava alimentar-me, acabava quase sempre com a cara toda lambuzada de batata amassada ou o que fosse. Com apenas o bíceps ativo, era capaz de um único movimento — podia dobrar o braço, e isso era tudo.

Durante a infância, estivera muito interessado em pintura a óleo, desenho, artes gráficas — enfim, tudo relacionado à arte. Agora havia perdido a capacidade de até mesmo pegar numa caneta ou pincel, fazendo-me lembrar da Escritura que fala que os talentos não usados regridem e se perdem. Foi exatamente isto o que aconteceu comigo.

Então um dia, enquanto sentado fazia exercícios com um lixador para fortalecer os músculos ativos dos ombros, notei um lápis sobre a mesa. Por um momento, sonhei de olhos abertos como seria maravilhoso poder pegar aquele lápis e escrever meu nome. Isto serve para ilustrar quão importante podem tornar-se as coisas, por mais simples que sejam.

A pedido meu, o técnico de aparelhagem ortopédica fixou no meu aparelho um pequeno dispositivo que me permitia segurar o lápis em posição quase normal. Olhei fixamente para o papel, com medo de começar. Sentia-me como uma criancinha, segurando um lápis pela primeira vez. E quando me animei a apoiá-lo no papel, verifiquei que meus esforços não produziam nada, além de rabiscos sem sentido algum. Não conseguia esboçar nem mesmo as primeiras letras do alfabeto!

Não vou-me demorar no desânimo devastador provocado pelos revêses daquelas semanas; finalmente, após três meses de tratamento, consegui fazer um pequeno desenho de uma árvore e aprendera a esboçar meu nome em letra de forma. Para mim, representava um progresso enorme.

Depois de voltar para casa, embora tentasse manter-me ocupado com estudos particulares e muita leitura, vi-me descambando para uma profunda depressão emocional. Naquele verão, eu havia experimentado frequentar a Igreja, mas era um martírio para mim. Estava terrivelmente complexado e de uma suscetibilidade sem limites. Era humilhante precisar de auxílio para tomar o sacramento. Minhas reações diante das outras pessoas eram de um paranóico e cultivava dentro de mim sentimentos de culpa e desvalor. Comecei a perder contato com a Igreja, preferindo ficar trancado no meu quartinho, nos fundos da casa. E ali, retraí-me para um mundo de isolamento e depressão. Por cinco meses,

fiquei-me corroendo e destruindo toda energia adquirida. A palavra **aleijado** aplicava-se a mim agora, não só em sentido físico como também mental.

Negligencieei minhas orações e duvidava da clemência do Senhor. Ainda que não totalmente amargurado, via-me incapaz de reter o espírito de esperança. Agora sei que o motivo de eu cair em tal estado de espírito foi minha ignorância acerca do sacrifício de Cristo.

O outono fez-se inverno, e à medida que as sombras se adensavam no meu quarto, também o faziam em minha alma. Fui mergulhando mais e mais no sentimento de frustração que não existia alma mais indigna do que eu no mundo inteiro.

Então, certa noite, minha mãe entrou no quarto, anunciando-me um visitante. O homem que passou pela porta era alto e muito seguro de si — justamente o oposto da minha pessoa. Apresentou-se como sendo o Irmão Howes, do seminário local. Havia pouco que morava na cidade, mas conversou comigo como se nos conhecessemos de longa data. Embora não o soubesse então, aquele homem seria um dos principais instrumentos para a minha volta ao Evangelho.

Eu julgava que iria visitar-me uma ou duas vezes e depois deixaria por isso, mas estava enganado. Ele vinha semanalmente com as Escrituras e começou a cuidar do meu eu espiritual que estava morrendo à mingua. Com sua ajuda, voltei a subir lentamente até um ponto no qual já podia vislumbrar vagamente certa forma de coragem e esperança. Com o passar do tempo, surgiu interesse suficiente para sentir vontade de ler a Bíblia e o Livro de Mórmon; e, através da oração, vim a compreender, pela primeira vez na vida, que havia algo sólido a que me apegar: a verdade.

Durante todo esse tempo, as pessoas perseveraram em sua amizade para comigo e, no decorrer dos meses, comecei a mostrar-me menos arredio. Um desses amigos era Tom Nelson. Ele costumava aparecer quase diariamente, e tornamo-nos muito chegados. Isto era irônico, pois antes do acidente, havíamos chegado às vias de fato e mal nos falávamos. Fico contente em ver que hoje ele é muito ativo na Igreja e feliz com seu Sacerdócio e trabalho no templo.

Minha fé foi crescendo gradualmente, e um dia o bispo veio pedir-me se não queria ser secretário do quorum dos sacerdotes. A princípio, hesitei, mas acabei dizendo que, se ele achava que eu era capaz, tentaria. Este foi mais um ponto decisivo; meus companheiros de quorum foram responsáveis por grandes mudanças quanto aos meus pontos de vista. Não pude cumprir uma missão, embora fosse meu maior desejo. Mas quando meus amigos partiam, meu coração ia com eles, e encontrei grande satisfação em participar de seus preparativos.

Minha situação, na verdade, tem sido uma bênção para mim, pois me faz aprender muitas coisas que, de outra forma, talvez ignorasse para sempre. Aprendi, por exemplo, que o Senhor cumprirá suas promessas, se fizermos a nossa parte. Eu havia perdido minha habilidade de fazer trabalhos de arte, mas ele me devolveu, e com ela uma fonte de muita satisfação. Aquele acidente deu-me tempo para desfrutar as maravilhas gratuitas da vida — as montanhas, o pôr do sol, as inúmeras coisas a que muitas vezes não damos valor. E, ensi-

nou-me a amar as criações da mão do Senhor. Ele tornou-se meu artista preferido, por causa dos seus panoramas naturais e as maravilhas em perene evolução.

Aprendi também a ter paciência, qualidade valiosa da qual jamais se pode ter em excesso.

Talvez a mais importante das coisas aprendidas seja que, na vida, a adversidade pode ser um bem, e que sem ela não há progresso espiritual. Penso freqüentemente na recomendação feita a Joseph Smith, por ocasião de seu confinamento na cadeia de Liberty: "Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento; e então, se as suportares

nestas palavras do Salvador: "O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?" (D&C 122:8)

Minha vida, recentemente, chegou ao climax, quando pude realizar meu próprio "endowment" (investidura) no templo do Senhor, depois de haver sido ordenado élder no meu vigésimo primeiro aniversário. Agora, o Evangelho significa muito mais para mim do que nunca, e sei que, qual uma fonte de água viva, ele continuará jorrando e elevando-se, como nos foi prometido, mesmo até à vida eterna, sendo bastante que vivamos os mandamentos designados por Deus para nos guiar.



bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sobre todos os teus adversários." (D&C 121:7-8)

Ainda que, por algum milagre da ciência, eu pudesse retomar à minha vida como era aos dezesseis anos, não o faria! De bom grado, enfrentaria as barreiras que tenho encontrado até aqui; de bom grado, viveria novamente sete anos como inválido numa cadeira de rodas, se isto me levasse mais uma vez à felicidade e à verdade que

"Ainda que por algum milagre da ciência eu pudesse retomar à minha vida como era aos dezesseis anos, eu não o faria!"

encontrei no Evangelho de Jesus Cristo. Sempre que nos sentirmos além das fronteiras da esperança ou arrependimento, ou que nossa condição é por demais desprezível para ser tolerada, podemos encontrar alento

Espero apenas que minha história ajude outros jovens a ter apreço pelo seu corpo físico e a mantê-lo puro, pois ele é realmente o templo de Deus.

Concluo minha narrativa com estas breves linhas que intitulei de "Barreiras":

Ainda que inválido na carne, teus pés do espírito poderão andar.

Ainda que cego, os olhos d'alma as coisas do espírito poderão ver.

Ainda que surdo, mais claro teus ouvidos ouvirão Cristo chamar.

Ainda que velho, combalido, o vigor do Evangelho poderás conservar.

Se destas barreiras, amigo, nenhuma te impede, Por que não seguir o caminho que à VIDA conduz?

